

SELEÇÕES DA HISTÓRIA



DO BRASIL E DO MUNDO



Sergio Macedo

Renato Silva

Conquista

2



OPINIÕES SOBRE «SELEÇÕES DA HISTÓRIA»

«Para quem sempre combateu a propaganda da brutalidade, do sensualismo e dos heróis-bandidos, que se faz através das histórias em quadrinhos, em revistas para a juventude, o manuseio de SELEÇÕES DA HISTÓRIA representa uma revolução editorial, no plano educativo. Ao invés dos heróis falsos, facinorosos ou simples improvização imaginosa, que nem ao menos na lenda ou no folclore se baseiam temos, agora, através da louvável iniciativa da editora CONQUISTA, as façanhas, as aventuras e as formidáveis ações de heróis autênticos da História. Eis uma obra que distrai sem deixar de ensinar, que diverte sem deixar de educar, que emociona e arrebatava, sem constranger e desfibrar, mas aprimorando e fortalecendo, os sérios e nobres sentimentos da nossa juventude» — ABGUAR BASTOS, escritor e Deputado Federal.

«No estilo sintético, muito próprio das histórias em quadrinhos, SELEÇÕES agrada como story sem deixar de ser History, ensinando História dentro dos mais modernos princípios pedagógicos. Estão de parabéns os professores Sérgio Macedo e Renato Silva, e a direção de CONQUISTA, elaborando essa verdadeira obra de arte, no gênero, o que conheço de melhor». — MANOEL JAIRO BEZERRA, diretor do Col. Metropolitano e Prof. do Col. Pedro II.

«SELEÇÕES DA HISTÓRIA, admirável trabalho do Prof. Sérgio Macedo e do brilhante artista Renato Silva, representa um grande serviço prestado à cultura popular. Raramente se vêem sínteses tão perfeitas, miniaturas tão exatas. Meus parabéns aos autores e à editora CONQUISTA que, com esta iniciativa, se torna credora da admiração geral» — THOMAZ COELHO FILHO, catedrático e vice-diretor da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil.

«SELEÇÕES DA HISTÓRIA é um grande trabalho desse admirável escritor e professor de História que é Sérgio Macedo, associado, em boa hora, a um dos maiores mestres nacionais do Desenho, o Prof. Renato Silva. SELEÇÕES DA HISTÓRIA representa um auxiliar valioso, ao extremo, para o Ensino. A editora CONQUISTA lavrou um tento iniciando uma série que somente grande injustiça privaria de extraordinário sucesso» — MOACIR BASTOS, diretor do Ginásio e Esc. Tec. Com. Afonso Celso.

SUMÁRIO DO NÚMERO 2

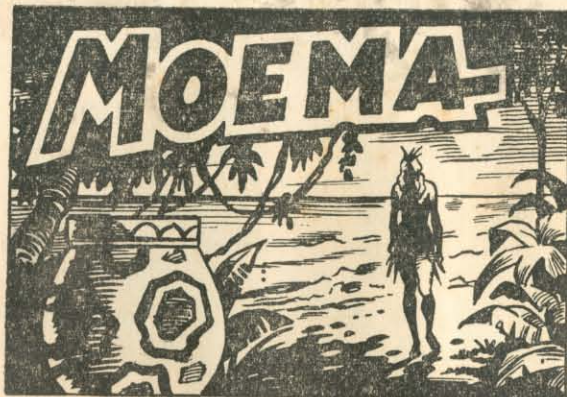
MOEMA	33
A espôsa do Caramuru — Sérgio Macedo	34
TUT-ANK-AMON ABANDONA ATEN	35
Pirâmides e estátuas — H. Van Loon	36
UMA CAMA PARA O OUIDOR	37
Os Ouvidores — Tomé de Sousa — Max Fleiuss	38
MAOMÉ CRIA UM ESTADO	39
O Corão — Estêvão Pinto	40
B A B A L A Ô	41
A mãe do cativo — Castro Alves	42
PATRÍCIOS E PLEBEUS	43
As conquistas da plebe — João Ribeiro	44
A CASA DA TÔRRE	45
As Minas de Prata — Pedro Calmon	46
BIGAS, TRIGAS E QUADRIGAS	47
Roma, século II A. C. — Eremildo Luís Viana	48
BÁRBARA HELIODORA	49
Alguns poetas de Minas colonial — Sérgio Macedo	50
AS NÚPCIAS DE VENEZA	51
Veneza — Garnier, trad. por Jm. Costa	52
AS HEROÍNAS DA CASA-FORTE	53
Os canaviais e os holandeses — Viriato Correia	54
DRAKE, O CORSÁRIO	55
A era elisabetiana — Sérgio Macedo	56
A CABEÇA DE RATCLIFF	57
A ordem é matar — Viriato Correia	58
B A Y A R D	59
A literatura francesa	60
O JORNALISTA DA INDEPENDÊNCIA	61
O grande Evaristo e seu jornal — Sérgio Macedo	62
MIRABEAU, O HÉRCULES DA REVOLUÇÃO	63
O Terror — Sérgio Macedo	64

SELEÇÕES DA HISTÓRIA DO BRASIL E DO MUNDO

Desenhos de RENATO SILVA - Legendas de SÉRGIO MACEDO
NAS PRINCIPAIS LIVRARIAS DO BRASIL — CR\$ 10,00

CONQUISTA

AV. 28 DE SETEMBRO, 174 — RIO DE JANEIRO — BRASIL



DE QUE LHE SERVIRIA A VIDA SEM O AMOR DAQUELE QUE O MAR LHE DERA E O MAR LHE TIRAVA, AGORA? LANÇASSE À ÁGUA E NADA ATÉ QUE AS FORÇAS LHE FOGEM COMO O BEM-AMADO...



1 — Impressionante de tranqüilidade, a manhã vinha nascendo, naquele ano de 1510, nas águas de Mirangiguiç, que os portugueses denominavam Baía de Todos os Santos. A serenidade sucedera à tempestuosa noite da véspera. Na praia imensa e alva, grupos de tupinambás procuravam o que lhes poderia ter trazido a tempestade. Encontrariam algum monstro marinho de aparência humana? O chefe Xeremimbó orientava as pesquisas de seus guerreiros, ansiosos por provarem, uma vez mais, da carne dessa estranha criatura que o mar trazia de quando em quando, últimamente.



2 — Eis que do pai se acerca Moema, a bela filha de Xeremimbó. O velho espanta-se. Sim, repete Moema, o mar trouxe algo. E não é um monstro, embora tenha a pele alva; é um homem. Ela esteve longamente com o estrangeiro. Está certa do que afirma. A dúvida é geral. Moema, porém, resolve a questão. Trará, sólidamente amarrado, o seu achado, que os pajés examinarão. Se se tratar de um homem, que se lhe poupe a vida; se fôr um monstro do mar, que seja sacrificado. Em seguida, conduz o estranho ser à presença do cacique Taparica.



3 — Reunem-se os pajés. Dançam, confabulam, invocam o grande espírito. Finalmente, declaram homem e não monstro o ser que jaz a seus pés. Que seja libertado, mas, como prisioneiro, conforme a lei da tribo, terá de ser sacrificado logo esteja robusto. O homem branco ergue-se. Apanha seus petrechos, onde há um mosquêto. Carrega a arma e visa um pássaro. Taparica e seus guerreiros espantam-se diante da chama que escapa do estranho tubo e da ave, morta, que recolhem. Está ali, não há dúvida, um super-homem, enviado de Tupã — dizem os pajés.



4 — Ao cacique Taparica o indivíduo salvo repete muitas vezes o que já dissera a Moema: seu nome é Diogo Álvares, natural de Viana. Com dificuldade, o morubixaba procura repetir o nome; com dificuldade faz sentir ao estrangeiro que está livre. É muito difícil, mesmo, repetir ou guardar aquêlo nome. Melhor será chamá-lo Caramuru, o peixe branco, abundante naquelas águas. E por Caramuru ficou sendo conhecido o homem que Moema encontrara e ao qual daria o seu amor e muitas filhas que seriam a alegria de sua velhice. Mas o Destino decidira o contrário.



5 — Dia chegou em que Diogo Álvares cansou-se de Moema, trocando-a pela jovem Paraguaçu. Em 1526, com a nova esposa, viaja para a França. Pela primeira vez, então, uma índia terá se rebelado contra a poligamia, contra as leis de sua tribo. Moema implora a Diogo que não parta. Ama-o perdidamente. De que lhe serviria a vida sem o amor do homem que o mar lhe tirava, agora? E quando o barco rompe as águas tranqüilas, Moema, desesperada, atira-se ao mar e procura acompanhar, em largas braçadas, a nau que se afasta. Até que as forças lhe faltam e a Morte a recolhe...

A Espôsa do Caramuru

«NÃO tardou que Diogo Álvares trocasse o amor de Moema pelo de Paraguaçu, embora a primeira já lhe houvesse dado filhas. E em 1526, juntamente com a espôsa, demandava a França, no barco do capitão Du Plessis, ao qual, provavelmente, auxiliara no contrabando de pau-brasil.

Desesperada, Moema atirou-se ao mar, procurando, a nado, acompanhar o navio, até que se lhe exauriram as forças, como contaria, no poema *fartoso*, Santa Rita Durão.

Em Saint-Malô, onde aportou o barco de Du Plessis, Paraguaçu, que aprendera a rezar e conhecia, já, algo sobre os santos do céu, é batizada com o nome de Catarina, não em homenagem a Catarina de Médicis, como dizem os compêndios, mas (como provou Olga Obry, exibindo a competente certidão de batismo) a Catarina de Granches, espôsa de Jacques Cartier, — descobridor do Canadá e amigo de Du Plessis, — que lhe serviu de madrinha e ofereceu o primeiro vestido que cobriu a nudez da princesa indígena do Brasil.

Depois, Catarina e Caramuru legalizam sua união e demandam a Paris, onde Francisco I, rei de França, que dissipa os parques haveres do Estado com festas suntuosas, os recebe em palácio, extremamente curioso a respeito da estranha terra de onde procede aquela linda mulher *côr-de-cobre*.

Um grande sonho, porém, agita o coração de Caramuru. Ele pretende, nada mais nada menos, que transformar a aldeia nativa de Paraguaçu "numa cidade grande como a Paris que seus olhos contemplam"...

Faz, então, com que escrevam, em seu nome, ao rei de Portugal, longa carta onde fala da terra nova e propõe-se auxiliar sua colonização efetiva. Nada lhe responde o monarca. E um dia, após meses de miséria e abandono, regressam no navio de Du Plessis que vem novamente ao Brasil carregar a madeira de tinta, Catarina e Diogo Álvares, que volta abatido, sentindo-se vencido em seus maiores sonhos.

Nas longas noites de bordo, Catarina Paraguaçu medita profundamente. Sente que é preciso esconder de seu povo o fracasso das pretensões do marido, ou ele estará perdido. E faz com que Diogo Álvares desembarque como um vencedor e não como vencido, que de fato estava.

Seu cérebro está pejado de idéias novas, de planos audaciosos. Quer civilizar sua gente. Inicia ela, então, a construção de uma Igreja onde existam imagens bonitas como as que viu em Saint-Malô e Paris, levantando, assim, a Capela de Nossa Senhora da Graça. É um espetáculo pitoresco, aquela índia vestida, entre suas irmãs nuas, adorando um deus estranho para seus irmãos, que todavia, lhe prestam homenagem, enquanto ouvem os ensinamentos de Catarina, que todos rodeiam, especialmente as mulheres, quando ela pratica, pela manhã, a coisa inteiramente desconhecida: lavar roupa, servindo-se de uma raiz do mato, como sabão.

Ocupa-se ela, já então, mãe, da educação de suas filhas e das filhas que o espôso tivera com a infortunada e romântica Moema. Mais tarde, casará essas filhas com fidalgos e homens ilustres.

Um dia, no ano de 1549, tem ela a maior alegria de sua vida, quando o capitão Gramatão Teles ancora sua caravela na baía de Todos os Santos e faz entrega, a Caramuru, de uma carta. Uma carta do novo rei de Portugal, D. João III, mais inteligente do que aquele velho rei a quem Caramuru se dirigira, de Paris, um dia. Uma carta que principia por dizer: "Diogo Álvares. Eu, El Rei, vos envio muito saudar". E termina pedindo que ele auxilie, o mais possível, a Tomé de Sousa que ali chegará breve a fim de "fazer uma povoação", que seria a cidade do Salvador.

Catarina exulta com a glória do marido. É a vitória. Lisboa compreende, enfim, o valor de seu espôso, sua utilidade. O rei dirige-se diretamente a ele!"

SÉRGIO MACEDO
"Catarina Paraguaçu"

TUT-ANKH-AMON ABANDONA ATEN

O NOVO FARAÓ SENTIU QUE ERA PRECISO VOLTAR ÀS CRENÇAS DAS VELHAS DINASTIAS, AOS VELHOS DEUSES PROTETORES. MAS NÃO ERA FÁCIL APLACAR A CÓLERA DE AMON...



3 — As filhas de Amenófis, porém, eram lindas. Uma delas, a mais bela, desposou Tut-Ank-Aten, príncipe ou alto-dignitário, que os fados fizeram ascender ao trono. Resolveu ele, então, atendendo às melhores esperanças do povo, restaurar os velhos cultos, tornar a dar a Amon o lugar que antes ocupara na veneração popular. Na velha e gloriosa Tebas, a antiga capital, a corte novamente se instalou. E Tut-Ank-Aten passa a chamar-se Tut-Ank-Amon. É o filho de Amon, o querido do sol, a imagem viva de Amon. Esse episódio espiritual verificou-se no século XVI antes de Cristo.



1 — O Egito vivia os agitados dias da XVIII dinastia. Amenófis IV governava e demonstrava má memória, tanto que esquecia os benefícios de Amon, o poderoso deus que cumulava de bens o império e a cuja proteção seus antecessores, os Tutmés, deviam a sorte de haver podido estender as fronteiras nacionais até o Eufrates. Abjurando a antiga fé, pretendia, ele, estabelecer o monoteísmo. No Egito Central, em Icutaton, a nova capital que fundara, fez erguer esplêndido templo ao deus novo. Tesouros e presentes dantes reservados a Amon passaram a Aten.



4 — Tut-Ank-Amon não regateou homenagens a Amon, cuja cólera, todavia, não estava certo de haver apaziguado. Seria por isso que nos flancos de Byba-Al-Moluk mandara construir seu magnífico túmulo? Que, muito freqüentemente, o corpo apertado na túnica-couraca, feita de placas de ouro, peitoral de esmaltes pendentes do pescoço, capacete de ouro, ia visitar as obras de sua última morada? Que se detinha longos minutos diante do cofre de ébano e marfim, onde encerrava recordações de sua infância, que desejava conduzir consigo na grande viagem da morte?



2 — Grande era o prestígio de Amon no céu egípcio. E o castigo mais tremendo não tardou a desabar sobre o reino. Pragas e calamidades não se fizeram esperar. Pelas planícies e pelas margens do rio, caçaram livremente a fome e a peste. E os exércitos, com que o Faraó pretendia alargar ainda mais os seus já extensos domínios, eram derrotados pelo inimigo, transformados em escravos os guerreiros. Velhas cidades despovoaram-se, a erva crescia nos templos. A cólera de Amon parecia não ter limites. E para maior castigo do rei hereje, privou-o da descendência masculina.



5 — Todas as providências Tut-Ank-Amon tomou cuidadosamente para que nada faltasse em dignidade e beleza à sua última morada. Numa das câmaras do túmulo artistas privilegiados pintaram cenas de pescada, de guerra e de agricultura; noutra, a terceira, seu túmulo propriamente dito, duas estátuas imponentes, representando-o, guardavam a entrada. E, próximo, a estátua de Tivi, sua deusa favorita. Acertadas providências, pois que a cólera de Amon não se aplacava ainda. Tut-Ank-Amon, o bom Faraó, não teve vida longa...

Pirâmides e Estátuas

«PESA-ME dizer que todos os templos e palácios do Egito sofreram sérios danos duma sorte análoga. Pior de tôdas foi a das pirâmides. Não se lhes pôde mudar a forma; todavia, essas moles graníticas, mais altas do que a catedral de São Paulo em Londres, eram protegidas contra o ardor do deserto por uma camada de formosa pedra rija das pedreiras de Turá. Três mil anos depois, os árabes, necessitando de material para a construção de suas mesquitas no Cairo, arrancaram tranqüilamente êsse revestimento protetor e condenaram as pirâmides a se desfazerem em pó. Talvez seja questão de mil ou dois mil anos, mas êsses monumentos grandiosos estão fadados a desaparecer.

Em razão do vandalismo dos homens das épocas anteriores — ou melhor, pela sua indiferença, pois foi preguiça e desinterêsse e não a conseqüência de um propósito malévolos — é difícil sermos absolutamente "sistemáticos" nas nossas discussões sôbre a arte do passado. Se, além disto, vos lembrardes de que os pintores e escultores da antiguidade praticamente nunca assinavam as suas obras — contamos, se tanto, uma escultura grega com a firma autêntica do autor — começareis a conceber um profundo respeito pelos que, no espaço de um único século, lograram introduzir ordem no caso da arca mais antiga do tesouro do mundo.

A arte dos egípcios como a dos japoneses e dos outros povos orientais, não conhece a significação da perspectiva. Desde que esta desempenha um papel importantíssimo nas nossas relações com a arte, convém estabelecermos de vez a definição dessa palavra. Ei-la: perspectiva é a arte de desenhar objetos sólidos numa superfície plana, causando a mesma impressão de posição, grandeza e distância relativas que dão os objetos concretos, quando observados de um modo particular.

Outra definição menos complexa: perspectiva é um método pelo qual reproduzimos três dimensões numa superfície de duas dimensões.

Hoje, qualquer criança conhece pelo menos alguma das regras básicas da perspectiva que lhe permite ver num quadro como na própria paisagem.

Não há, por assim dizer, quem não tenha noção do misterioso ponto de fuga e convergência aparente das linhas e dos planos paralelos. Todo petiz de sete anos pode, no esquema geral das coisas, dar posição correta a cada objeto, de modo que êste pareça rodeado de espaço e não desenhado numa superfície horizontal.

Todavia, só no século XV, os artistas começaram a se preocupar sèriamente com perspectiva, e os orientais não se deram a êste incômodo até hoje.

Isso não lhes torna os quadros menos apreciados pelos que se habituaram a olhar devidamente a pintura. Mas, para a maioria das pessoas que vivem a vida inteira num mundo onde impera a perspectiva, o método oriental constitui sério motivo de irritação. Diante de uma gravura japonesa essas pessoas experimentam sensação análoga à que sentimos, quando nos expõem pela primeira vez um trecho de música moderna no qual não se observou absolutamente a definição de harmonia, como no-la ensinaram na adolescência.

Quando a arte se torna, como no Egito, matéria de tradição e as circunstâncias são tais, que uma classe particular de sacerdotes ou de governantes tem o poder de revalidar essa tradição — até aí assunto ligado à preferência do artista — em certas regras rigorosas e imutáveis, os resultados podem conferir uma rigidez quase absoluta à expressão e ao gesto.

Seriam os egípcios capazes de agir diversamente, se uma classe sacerdotal ou um senhor profano os não forçassem a se aterem às normas impostas? Creio que sim, porque eram observadores muitos sutis.

As suas primitivas estátuas de madeira, que encontram excelente possibilidade de duração nesse clima sêco — uma região de enchentes, mas imune de chuvas — denotam um dom maravilhoso para a arte de retratar. Os túmulos reais, repletos dessas comitivas de fâmulos de madeira, testemunham o talento dêsses escultores ignorados para êsse gênero difícilimo".

H. VAN LOON
"As Artes".

Uma cama para o Ouvidor

DURANTE SETE ANOS O PAULISTA INCONFORMADO DISCUTIU COM A JUSTIÇA OS DIREITOS SOBRE A CAMA QUE LHE HAVIAM TOMADO A FÔRÇA PARA O SENHOR OUVIDOR...



3 — Mas Gonçalo Pires é teimoso, caprichoso ao extremo. Procurado pelos vereadores recusa-se a qualquer negócio, mostra-se surdo a todos os argumentos, indiferente a tôdas as súplicas. Não quer emprestar o leito que possui. Não quer nada. Quer continuar dormindo no seu rico leito, única e exclusivamente. Que lhe importa o Ouvidor? Ele que recoste as banhas onde bem entender, é a resposta que dá aos homens da vereança. E que não lhe amolem a paciência, pois está disposto a defender com unhas e dentes o móvel onde repousa o corpo tôdas as noites.



1 — A vila de São Paulo agita-se extraordinariamente naquela enevoada manhã de agosto de 1620. E que o Ouvidor Amâncio Rebelo Coelho está a caminho para a regular visitação de aplicação das leis e verificação do exato cumprimento das Ordenações de El-Rei Nosso Senhor. Os homens importantes reúnem-se em conferência. A questão de acomodação está resolvida. O grande homem ficará na casa da Câmara, naturalmente. Mas onde dormirá a alta-personagem? E os «homens bons» da vila agitam-se e discutem. E o assunto passa a ser objeto das preocupações gerais.



2 — Sim, o problema é muito sério, porque São Paulo está a braços, então, com terrível falta de móveis. Não existem camas dignas dessa designação, mas humildes catres, onde, diz-se, não é possível deitar-se a imponente figura de um senhor Ouvidor. Alguém lembra, porém, que há uma cama, na pequena cidade. Seu proprietário é Gonçalo Pires. Respiram os influentes. Está solucionada a questão, pensam. Ninguém imagina que Gonçalo possa sequer pensar em opor dificuldades à solução do caso, tanto mais que seria uma honra concorrer para o conforto do senhor Ouvidor...



4 — A questão torna-se muito séria. Os vereadores confabulam, discutem, sem encontrar uma solução para o caso. Desesperados, dirigem-se ao Juiz, que decide ser a atitude de Gonçalo Pires um ato de rebelião contra El-Rei, na pessoa do senhor Ouvidor. Que se dirijam a Gonçalo Pires, portanto, os oficiais de justiça e apanhem a cama, de qualquer modo, nem que seja à fôrça. As ordens são prontamente cumpridas. Gonçalo tenta resistir e a cama lhe é arrancada praticamente a muque, de nada valendo os protestos e as más palavras que profere no auge da indignação.



5 — Gonçalo Pires recorre à Justiça. O Ouvidor já partiu e querem devolver-lhe a cama e pagar-lhe um aluguel pelo móvel. Mas êle declara que o leito não está no estado em que lho tomaram. «Tem manchas», afirma, diante do riso de uns e da indignação de outros. E recusa-se a receber de volta a cama, a «não ser no estado em que lha tiraram». Durante sete anos discute-se a questão. A Câmara instando para que Gonçalo receba o leito; êste se recusando a recebê-lo, acusando os vereadores. Afinal, Gonçalo Pires falece, dizem que de mágoa «diante do vexame que sofrera»...

Os Ouvidores - Tomé de Sousa

«**O** Ouvidor-Geral era a autoridade suprema da justiça territorial no Brasil. Conhecia, por ação nova, dos crimes para o que tinha alçada até morte natural, inclusive, quanto a escravos, peões, cristãos, gentios-livres, devendo, porém, nos casos em que, segundo o direito, coubesse a pena de morte, inclusive tratando-se de pessoas dessa qualidade, proceder nos respectivos feitos afinal e despachá-los com o Governador-Geral, sem apelação, se fôsem conformes os seus votos; e, no caso de discordância, deviam ser os autos, com os réus, remetidos ao corregedor em Lisboa, para sentença.

Em relação às pessoas de mór qualidade, tinha o Ouvidor-Geral alçada até cinco anos de degração.

Cabia-lhe por dever assistir sempre na mesma capitania que o Governador-Geral salvo ordem dêste em contrário, ou se assim o exigisse o serviço público.

Foram êstes regimentos sendo completados, *pari-passu* ao desenvolvimento de nosso primitivo regime colonial.

A obra administrativa de Tomé de Sousa, no Brasil, em menos de um lustro, é realmente considerável. Ei-la em largos traços:

Desembarcando na Bahia, em 29 de março de 1549, tomou para assento do Govêrno-Geral a porção da costa, onde, por sua posição geográfica, mais fãcilmente se poderia atender às demais capitanias. O desastre de Pereira Coutinho facilitou a reversão dessa donatária à Coroa, mediante acôrdo com o filho do desventurado donatário, que cedeu seus direitos, achando-se reduzido à miséria, por um "padrão de 400\$000 de juro por ano, pagos pela redízima da mesma Capitania", com vínculo hereditário.

Dispondo o regimento geral do Governador que o estabelecimento em Vila Velha seria de natureza provisória e que se devera escolher outro mais pela baía a dentro, fêz Tomé de Sousa explorar o vasto recôncavo e baía, uma das mais amplas da América, cuja barra mede 70 quilômetros, num litoral de mais de 120 quilômetros de extensão, chanfrado de numerosas enseadas e portos onde deságuam

magníficos rios e se ostentam numerosas e férteis ilhas das quais a mais importante — Itaparica — biparte a entrada da barra.

Lançou o primeiro Governador os fundamentos da nossa primeira cidade regular, nêles cooperando em pessoa, auxiliado por soldados, colonos e grande número de índios.

Edificou-lhe as primeiras casas, onde, provisoriamente se recolheram as famílias, autoridades e clérigos;

substituiu a cêrca de madeira que defendia a antiga povoação por uma alta e grossa muralha de taipa, "com dois baluartes sôbre o mar e quatro por parte de terra, com artilharia e os mais reparos para sua defesa";

fêz a trasladação da mor parte da gente de Vila Velha para as casas de moradia, já construídas;

erigiu, por iniciativa dos padres e com o seu próprio auxílio, material nos mais rudes trabalhos, uma pequena ermida, no mesmo sítio onde após se elevou a Igreja de Nossa Senhora da Ajuda para celebração dos officios do culto divino, assistidos tanto de selvagens, como de portugêses, continuando o velho Diogo Álvares a residir com os seus em Vila Velha que era a guarda-avançada contra o inimigo vindo do mar, conservadas as obras de defesa devidas a Diogo e a capela da Vitória, que a exemplo do que sucedera com a da Graça restaurada mais tarde pelos padres da Companhia, se tornou um dos mais suntuosos templos.

Garantida a defesa externa contra as incursões adventícias de índios e piratas, cuidou Tomé de Sousa de fazer construir os edifícios públicos, tais como a Casa dos Governadores, a Casa da Câmara, Igreja Matriz, situadas na praça central; Cadeia, Colégio dos Padres, a Sé para o bispado que se iria criar, a Casa dos Contos, Armazéns para a Alfândega, etc."

MAX FLEIUSS

"História Administrativa do Brasil".

MAOMÉ CRIA UM ESTADO

A GRANDE OBRA DE MAOMÉ NÃO ESTÁ NA CRIAÇÃO DE UMA RELIGIÃO QUE CONTA DUZENTOS MILHÕES DE ADEPTOS, MAS NA REALIZAÇÃO DA UNIDADE DO POVO ÁRABE



3 — Ameaçado de morte, por suas idéias, Maomé fugiu de Meca, demandando a vila de Yatrib, mais tarde Medina. Eram numerosos, ali, os que sympathizavam com certas crenças judaicas, estando o povo propício, portanto, a aceitar a tese de um deus único. Maomé encontrou grande receptividade para sua doutrina, conseguindo conquistar numerosas tribos. Transformou-se completamente, então. O homem que não cessava de proclamar o valor da resignação, da tolerância, do respeito às crenças do próximo, passou à mais completa intransigência, pregando a «guerra santa» aos infiéis...



1 — Órfão muito cedo, Maomé, nascido em Meca no ano de 571, fez-se pastor para conquistar o pão de cada dia, passando, a seguir, ao serviço de uma parenta, Khadidja, rica viúva que não tardou a promovê-lo à condição de condutor de caravanas, percorrendo, êle, assim, diferentes regiões de sua terra, vendo, ouvindo, aprendendo. Khadidja, relativamente jovem, acabou se apaixonando pelo humilde caravaneiro, desposando-o. Chegou para Maomé, dêsse modo, com a riqueza, a possibilidade de entregar-se inteiramente às longas meditações tão gratas ao seu espirito inquieto.



4 — A paixão do combate, a velha ambição do coração humano e a possibilidade de saquear, trouxeram-lhe in calculável número de guerreiros. Após oito anos de lutas, exatamente em 630, Maomé entrava em Meca e destruiu os falsos ídolos que se encontravam na Caaba. Sua doutrina era uma estranha mistura de fé judaica e fé cristã. Durante suas pregações, os discípulos recolhiam-lhe as palavras em fôlhas de palmeira e peles de carneiros. Tudo isso foi reunido, mais tarde, daí resultando o livro sagrado, Corão ou Alcorão, dividido em 114 capítulos ou suratas.



2 — Aos quarenta anos teve uma visão: um ser fantástico apareceu-lhe, dizendo-lhe, simplesmente: reza! Um parente, cristão, pretendia que fôsse o «anjo Gabriel augurando-lhe a futura condição de «profeta do povo árabe». E Maomé iniciou intensa pregação religiosa. Sua doutrina tinha por base a existência de um deus único, e o Islã, ou seja, a completa resignação à vontade divina. Durante onze anos pregou e orou sem grandes resultados. Era bem reduzido o número dos que se convertiam à nova fé que importava na destruição de velhos ídolos queridos às diferentes tribos.



5 — Falecido no ano de 632, Maomé, que muitos afirmam ter sido analfabeto, realizou notável obra política, unificando as diferentes tribos sedentárias e nômades que habitavam o grande platô árabe, criando, em suma, um Estado e um povo. Semelhante tarefa política é a legítima grande obra do criador de uma religião que conta milhões de adeptos e que em suas guerras em nome de Alá chegou a fazer tremer a Europa, ao instalar-se na Espanha e em Portugal cujas civilizações tão poderosamente influenciou, deixando, de sua passagem, monumentos imperecíveis, como o Alhambra.

O Corão

«**A** Arábia — palavra que significa deserto — é a mais ocidental das três grandes penínsulas da Ásia. Esse planalto, montanhoso na costa banhada pelo mar Vermelho e inclinado para o golfo Pérsico, não passa de um grande deserto. Tem a mesma latitude do Saara e poucos países são de clima mais quente. Em certos lugares, os árabes passam o dia debaixo das tendas. Os poetas celebram o encanto da noite e é comum dizer-se *tal fato durou tantas noites*, como nós dizemos *tal fato durou tantos dias*.

Não há rios perenes; os únicos, muito poucos, dirigem-se para o interior, perdendo-se nas areias do deserto. O *uadi* é o leito sêco, onde só circula a água no período das chuvas.

A mais conhecida das regiões arábicas é o Hedjaz, isto é, a terra vizinha do mar, onde se encontram as duas principais cidades do país, Meca e Medina. Ao sul do Hedjaz, fica o Iémen, que foi a Arábia feliz da antiguidade.

A Arábia é a terra do algodoeiro, do incenso, da mirra, da cana, da noz-moscada, do café e da tamareira. Os romanos, em suas conquistas, pararam nos desertos da Arábia.

Os árabes pertencem à chamada raça semítica e, segundo a tradição, descendem de Ismael (daí o nome de ismaelitas). O tipo puro tem a testa alta, a pele morena, o nariz ligeiramente recurvado e os olhos negros e brilhantes.

Usam os árabes vestimenta característica, o *albornoz*, largo mantão sem mangas; cordões prendem o turbante na cabeça. As mulheres cobrem parte do rosto com um véu (a fim de evitar o mau-olhado). É o povo arábico orgulhoso, forte, hospitaleiro, amigo da família e fiel à palavra empenhada, mas, ao mesmo tempo, selvagem, cruel, dado à rapina.

Meca é a cidade santa dos árabes, visitada anualmente por milhares de peregrinos. Nessa cidade existe um templo em forma de cubo, recoberto de sêda negra — a *Caaba*. Numa das paredes do templo está encaixada a pedra que serviu de travesseiro a Ismael.

A *Caaba* continha, também, muitos ídolos, quase tantos quantos os dias do ano. Os árabes acreditavam que os *djins*, espécies de gênios ou espíritos — viviam em árvores, pedras, astros, etc. Mas acima dos *djins* estava um deus superior, *Alá*. Maomé, o profeta, veio fortalecer o monoteísmo ainda mal-definido dos árabes.

Muçulmano vem de *mushin* ou *moslem*, isto é, resignação à vontade de Deus. A religião muçulmana também se chama islamismo e essa palavra tem o mesmo sentido.

A era muçulmana conta-se a começar do pôr-do-sol do dia 15 de julho de 622. O ano arábico compõe-se de 354 dias, com meses ora de 30, ora de 29 dias; em cada período de trinta anos, quinze são de 365 dias.

Maomé não tinha recebido boa educação. É possível que não soubesse ler. Mas além de ter uma figura atraente, falava bem e era dotado da mais rica imaginação. Quando pregava, os seus discípulos tomavam apressadamente notas de suas palavras em fôlhas de palmeiras, em pedras, em pedaços de ossos. Depois da morte do profeta os fragmentos formaram o *Corão*, que é a Bíblia dos muçulmanos.

O *Corão* manda orar cinco vezes ao dia, com o rosto voltado para Meca, fazendo-se antes a ablução; visitar a *Caaba* pelo menos uma vez na vida; dar esmolas aos pobres; jejuar durante todo o mês de *Ramadã*.

Só há um deus que deve ser adorado sem o auxílio de imagens; a alma é imortal e está sujeita, no dia do juízo final, a penas ou recompensas. Nada de clero, apenas o *imane* para dirigir as orações ordinárias e o *muezin* para anunciar do alto do minarete, a hora da prece (visto Maomé não ter adotado os sinos). O destino de cada pessoa estava fixado de antemão e ninguém poderia modificá-lo. Era a doutrina do fatalismo. Havia, ainda, a proibição de comer carne de porco, de tomar bebidas fermentadas e de praticar jogos de azar.

O islamismo admite a poligamia e a escravidão.

Do ponto de vista literário, o *Corão* é um livro pobre, cheio de repetições e trivialidades. Há nele, sem lógica ou sem ordem, preceitos tirados da *Bíblia* e do *Talmud*. Entretanto, a doutrina de Maomé era extremamente simples e fácil de ser compreendida. Além disso, prometia aos fiéis o produto do saque na terra, e, no céu, recompensas materiais. Eis a principal causa da difusão tão rápida da religião muçulmana".

ESTÊVÃO PINTO

"História Geral" — 2.ª série colegial.



O AFRICANO, QUE TÃO GRANDE INFLUÊNCIA EXERCEU EM NOSSA FORMAÇÃO SOCIAL, TROUXE PARA O BRASIL, COM SUAS COMIDAS, TAMBÉM SUAS CRENÇAS, SEUS OBJETOS DE CULTO



1 — Introduzido no Brasil em larga escala, o africano trouxe não apenas os seus costumes, mas, também, suas crenças, seus objetos de culto, sua religião, que praticou livremente. Fetichista, como todos os povos primitivos, tinha êle um deus supremo, Olorum — senhor ou mestre do céu — que, todavia, só entrava em contacto com os homens através de deuses menores, os orixás, que foram adorados com extraordinário fervor. Esculpidas várias de suas imagens, ainda hoje são veneradas pelos que praticam a estranha e bárbara religião que os africanos tanto cultivaram.



2 — Os principais orixás eram Orixalá, o maior dos santos; Ogun e Exu, o rei do mal, sem cuja proteção nada poderia ser realizado a contento. A essas divindades, como a muitas outras, sacrificavam os escravos, em determinados dias, ofertando-lhes o seu «alimento» ou «prato predileto». Tais alimentos de santo, denominam-se, de modo geral, omalás. As cerimônias litúrgicas da religião negra eram realizadas em terreiros ou alochês, orientadas e dirigidas pelos ministros maiores e menores, chamados Babalaôs, que no Rio de Janeiro receberam, freqüentemente, a designação de Babás.



3 — Os Babalaôs preparavam nos alochês vários feitiços destinados a «amansar» os «senhores», principalmente. Tais feitiços nada mais eram que pequenas doses de venenos vegetais, raízes pulverizadas, ministradas hábilmente aos «senhores», pelos pagens e mucamas, nos momentos oportunos. As vítimas dessas propinações começavam por apresentar irritabilidade de caráter insólito, sucedendo-se a essa fase de excitação, uma situação de abatimento e indiferença que conduzia à demência, não raro. Algumas vezes, uma espécie de paralisia parcial era o resultado do feitiço...



4 — O famoso «quebranto», acompanhado de palidez e estranha lassidão, que atacava com freqüência mocinhas e crianças; o famoso «quebranto» de que tanto se fala nos romances brasileiros antigos, nada mais era que a consequência de um veneno denominado aripá, preparado pelos Babalaôs, como o demonstraram os saudosos mestres Batista Lacerda nos «Arquivos do Museu Nacional» e Artur Ramos, em trabalhos posteriores. Os Babalaôs tinham remédio para tudo, solução para todas as situações. E eram infalíveis na solução de casos de amores contrariados...



5 — Foram comuns os feitiços para dar «esquecimento» ou «alegria». Sabe-se, hoje, que nada havia, aí, de feitiçaria, mas, apenas, o emprêgo de certas substâncias tóxicas-entorpecentes capazes de propiciarem torpor e sonhos alegres, como, por exemplo, a maconha, erva largamente empregada na África, com o nome de diamba ou riamba. Nada mais natural, portanto, que, entre os escravos, os poderosos Babalaôs fossem temidos, respeitados ou estimados como entes privilegiados aos quais os deuses comunicavam seus segredos e conferiam misteriosos poderes.

A Mãe do Cativo

Ó mãe do cativo! que alegre balanças
A rêde que ataste nos galhos da selva!
Melhor tu farias se à pobre criança
Cavasses a cova por baixo da relva.

Ó mãe do cativo, que fias à noite
As roupas do filho na choça de palha!
Melhor tu farias se ao pobre pequeno
Tecesses o pano de branca mortalha!

Misérrima! E ensinas ao triste menino
Que existem virtudes e crimes no mundo
E ensinas ao filho que seja brioso
Que evite dos vícios o abismo profundo...

E louca, sacodes nesta alma, ainda em trevas
O raio da esperança... Cruel ironia!
E ao pássaro mandas voar no infinito
Enquanto que o prende cadeia sombria!

Ó mãe não despertes esta alma que dorme,
Com o verbo sublime do mártir da Cruz!
O pobre que rola no abismo sem têrmo
Pra que há de acordá-lo... Que morra sem luz.

Não vês no futuro seu negro fadário,
Ó cega divina que cegas de amor?
Ensina a teu filho — desonra, misérias,
A vida nos crimes, a morte na dor.

Que seja covarde... que marche encurvado
Que de homem se torne sombrio reptil
Nem core de pêjo, nem trema de raiva
Se a face lhe cortam com o lâtego vil.

Arranca-o do leito... seu corpo habitua-se
Ao frio das noites, aos raios do sol
Na vida — só cabe-lhe a tanga rasgada!
Na morte — só cabe-lhe o roto lençol!

Ensina-o que morda... mas pérfido oculte-se
Bem como a serpente por baixo da chã
Que impávido veja seus pais desonrados
Que veja sorrindo mancharem-lhe a irmã.

Ensina-lhe as dores de um fero trabalho,
Trabalho que pagam com pútrido pão
Depois que os amigos açoite no tronco,
Depois que adormeça com o sono de um chão.

Criança — não tremas dos transe de um mártir
Mancebo — não sonhes delírios de amor.
Marido — que a espôsa conduza sorrindo
Ao leito devasso do próprio senhor!

São êstes os cantos que deves na terra
Ao mísero escravo sômente ensinar,
Ó mãe que balanças a rêde selvagem
Que ataste nos troncos do vasto palmar.

Ó mãe do cativo, que fias à noite
À lua da candeia na choça de palha
Embala teu filho com essas cantigas...
Ou tece-lhe o pano da branca mortalha.

CASTRO ALVES
"Poesias".

PATRÍCIOS E PLEBEUS



DEZENAS E DEZENAS DE ANOS LUTARAM OS PLEBEUS (OS POBRES) PARA CONQUISTAR LEIS ESCRITAS QUE ATENUASSEM OS PRIVILÉGIOS E A PREPOSIÇÃO DOS PATRÍCIOS (OS RICOS)



3 — Foram enviados, finalmente, no ano de 300, à Magna Grécia e a Atenas, embaixadores com o fim de estudar as leis daqueles Estados e escolher quanto se adaptasse às condições de Roma. Quando retornaram esses embaixadores, os magistrados romanos resignaram seus cargos em favor dos dez homens escolhidos pelos comícios para governar o país e redigir as leis. Esses magistrados — decênviros — fizeram seu trabalho. Parecendo, porém, que as leis não estavam completas, novos decênviros foram escolhidos para o ano seguinte, exigindo-se-lhes maior atividade.



1 — Abolida a Realza e instituída a República, em Roma, surgiram os primeiros chefes do Executivo, os magistrados, denominados Cônsules, em número de dois, escolhidos pelas assembléias chamadas Comitia Centuriata. O povo reunido constituía a Comitia Curiata. É possível dizer-se que a história de Roma republicana consistiu na continuada luta entre Patrícios e Plebeus. Pobres, conhecendo apenas deveres, os plebeus foram conseguindo lentamente, lutando sempre, o reconhecimento de alguns direitos. Lágrimas e sofrimentos sem conta custou, porém, êsse reconhecimento...



4 — Surgiu, então, dêsse trabalho dos decênviros, a LEI DAS DOZE TABUAS — Lex duodecim tabularum — assim denominada por se achar gravada em 12 tábuas de bronze. Era o Direito Romano que nascia. Eram, afinal, as leis escritas. Os segundos decênviros, porém, longe de imitarem a brandura dos primeiros, tiranizaram o povo. Um dêles, Apio Cláudio, desejando a linda Virgínia, filha do plebeu Virgínio, iniciou um «cliente» a afirmar que a rapariga era escrava fugitiva e reivindicá-la no tribunal dos decênviros, obtendo sentença favorável, o que lhe permitiria apoderar-se da moça.



2 — Sua conquista mais notável foi o aparecimento do TRIBUNO DA PLEBE, personagem que representava o povo, dotado de grande poder. Sua figura era sagrada. Podia vetar as leis do Senado e fazer calar qualquer Senador. Sua casa, aberta dia e noite, oferecia seguro asilo a que não podiam chegar as autoridades. Em número de cinco a princípio, os tribunos do povo não tardaram a ser dez. O arbitrio, porém, continuava e o povo passou a pedir leis escritas. Durante dez anos (de 292 a 303, anos de Roma) os plebeus lutaram com êsse objetivo.



5 — Nesse instante, porém, aproximou-se o pai de Virgínia. Rápido, sem que lhe pressentissem a intenção, embebeu-lhe o punhal no peito, declarando preferir vê-la morta a desonrada. A indignação tomou conta do ambiente. Rebelaram-se os plebeus, ameaçando emigrar, o que privaria Roma dos seus melhores trabalhadores. Curvaram-se os patrícios à vontade da plebe. Apio Cláudio foi preso e suicidou-se no cárcere. Outros decênviros renunciaram. Permaneceu, porém, o Código das Dozes Tábuas, fundamento do Direito Romano, o primeiro Código a não distinguir entre humildes e poderosos.

As Conquistas da Plebe

«A vida privada e pública dos primeiros romanos, repousava tôda num fundo religioso. Era isso que estabelecia a desigualdade entre as castas.

Na fundação de Roma, Rômulus chamou os senadores de *Patres*, segundo Cícero, para demonstrar a afeição que êles sentiam pelo povo. Devemos crer que êles eram os chefes da família, pois posteriormente vemos êsses chefes exercendo um sacerdôcio transmitido de pais e filhos mais velhos, e serem cognominados *Patres*. Só êles eram dignos de orar e sacrificar aos deuses domésticos — *Lares*.

Os descendentes diretos dos *patres* constituíam uma espécie de nobreza, eram os patrícios. Os filhos mais moços e os seus descendentes, os servos, escravos e clientes, todos se subordinavam ao *pater* que ficava assim considerado como um chefe de tribo.

O povo romano, profundamente supersticioso e temente aos deuses, durante largo tempo submeteu-se a êsse regime.

A plebe, constituída pelas classes menos favorecidas da sociedade, trabalhava no tempo de paz, em proveito dos patrícios e na guerra dava seu sangue pela pátria. Nada mais justo que aspirasse também a compartilhar dos direitos políticos e religiosos.

Os reis, se bem que escolhidos entre os patrícios e pelos patrícios, protegiam a plebe contra os excessos que a sobrecarregavam.

Servius, o 6.º rei de Roma, deu terras aos plebeus; fundou 4 novas tribos concedendo-lhes o direito de terem deuses-*lares*; criou leis que regularizassem as relações entre plebeus e patrícios, estabelecendo assim um princípio de direito comum entre as duas classes; e fêz mais, ainda: depois de os fazer proprietários e cidadãos, fê-los legionários.

Os patrícios, vendo crescer cada vez mais o poderio dos reis, aliados com a plebe, para evitar uma revolução social iminente, fizeram uma revolução política, assassinando Servius, banindo o seu sucessor Tarquínio, anulando as leis de Servius, tomando as terras concedidas aos plebeus.

Não ousaram, contudo, retirar-lhes o título de cidadãos.

Sem religião, direitos políticos e terras, os plebeus resolveram sair de Roma e estabelecer-se no Monte Sacro.

A sua partida provocou certo pânico entre os patrícios, que não podiam prescindir de seus serviços. Roma, rodeada de inimigos — sabinos, latinos, etruscos — perdia a metade de seus soldados.

Por sua vez os plebeus, sem um chefe que os dirigisse, viram que não poderiam viver fora de Roma.

Então um tratado foi feito entre os patrícios e a plebe, concedendo-se a esta o direito de ter um chefe escolhido no seu seio — o Tribuno.

Os tribunos, gozando de certas imunidades (sacrossantos) exigiram novo Código, cujas leis fôssem aplicadas igualmente aos patrícios e aos plebeus.

Novas leis foram feitas concedendo o direito de os plebeus se aliarem pelo casamento com os patrícios.

Depois de conseguirem a igualdade na vida privada, os plebeus desejaram também essa igualdade na vida política: o Consulado — considerado não somente um pôsto de comando, mas um sacerdôcio que só os descendentes diretos dos *Patres* tinham o direito de exercer.

Isso levantou grande celeuma entre os patrícios. Mas a plebe paciente esperou setenta e cinco anos até que o conseguiu.

Para estabelecer definitivamente a igualdade política e a igualdade civil foi reclamado o pontificado — o que afinal foi conseguido.

Essa evolução social foi feita lentamente — quatro séculos.

Desde que os princípios de fundo religioso começaram a se abalar, realizando a igualdade entre as castas, a fôrça de Roma começou a declinar.

Porque, como disse Horácio: o povo romano dominou o mundo devido ao temor e respeito dos deuses: "*Dis te minorem quod geris, imperas*".

JOÃO RIBEIRO
"História Universal".



HOJE EM RUINAS, NO SERTÃO BAIANO, FOI O ÚNICO EXEMPLAR DE CASA FEUDAL QUE EXISTIU NO BRASIL, ESSA TORRE DOS GARCIA D'AVILA, BANDEIRANTES DO NORDESTE



1 — Foi em Tatuapara, próximo do rio Real, a algumas léguas da capital baiana, que Garcia D'Avila, companheiro do governador-geral Tomé de Sousa, ergueu, no ano de 1551, sua casa acastelada, único morgado que possuímos, o qual, por ter uma torre, passou a ser conhecida como Casa da Torre de Garcia D'Avila. Ao falecer, em 1609, Garcia era o maior potentado da colônia e corria mundo e luxo de sua casa. Seus descendentes foram alargando os primitivos domínios, melhorando a construção, rodeando-a de muralhas inexpugnáveis, tornando-a forte como um verdadeiro castelo.



2 — Granítico ninho de ciclopes, na Casa da Torre, onde ecoaram todos os anseios da pátria em formação, teve seu quartel-general o bandeirismo nordestino. Dali saíram os rudes sertanistas que enfrentaram a aridez dolorosa das caatingas e palmilharam o chão rude dos cardos, devassando o rio São Francisco, espalhando fazendas pelo chão de Pernambuco, Piauí, Maranhão, Ceará. Financiadores de grandiosas empresas de conquista, os Avila foram senhores do maior latifúndio que já existiu entre nós. Muitos dias de viagem seriam necessários para percorrer as terras dos potentados da Bahia.



3 — Nas lutas contra o batavo, a Casa da Torre desempenhou saliente papel. Sabe-se que Bagnuolo ali esteve hospedado e dali levou mil homens e mantimentos para a continuação da luta pela liberdade do Nordeste. E nos salões imensos, cujo brilho Fernão Cardim não se fartou de louvar e cujo luxo corria mundo, discutiu-se muito a respeito do famoso roteiro de Belchior Dias, que enlouquecia os homens, nos distantes dias da colônia; que era o pesadêlo, a tortura e a esperança de quanto Bandeirante existiu; o famoso roteiro das minas de prata cuja localização constituiu eterno mistério.



4 — Os maiores sertanistas procuraram essas minas, vasculhando, palmo a palmo, quase, as margens do rio Salitre, internando-se em diferentes direções, sofrendo tôdas as vicissitudes, rasgando as carnes e açoitando o espirito na busca inútil, na procura martirizante. Há quem pretenda que o grande impacto de Fernão Dias Pais, teve como motivo, originariamente, a procura dessa prata que só teria existido na imaginação de Belchior Dias que durante tanto tempo manteve em suspenso as autoridades reinóis e sustentou acêsa a cobiça da metrópole que sonhava com montanhas de prata...



5 — Nas lutas da Independência, a Casa da Torre serviu como base de operações do Exército Libertador Baiano, comandado pelo último senhor do Morgado, Antônio Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque, Barão da Torre de Garcia D'Avila, por decreto de Dom Pedro I. Depois, a Casa da Torre foi seguindo o triste destino das grandes casas e das grandes famílias brasileiras, conhecendo a decadência, a miséria, o esquecimento. Hoje, é ruína, apenas. Ruína por onde deambulam fantasmagoras, nas horas quietas da noite, assombrando os sertanejos que habitam as redondezas do antigo solar...

As Minas de Prata

«BELCHIOR DIAS MORÉIA, o mameluco, aparece na sua penumbra de personagem quase irreal, misturado às incógnitas surpreendentes do sertão, esgueirando-se num fundo de cenário sem que lhe pudéssemos reconhecer a realidade histórica, exatamente na transição do primeiro para o segundo século do Brasil, já quebradas as resistências opostas à conquista do oeste e aberto o capítulo obscuro de sua incorporação nas capitânicas costeiras. Destacando-se da família patriarcal de Vila Velha, onde nascera pouco depois da fundação da Bahia, rumou para o Nordeste com a firme decisão de lhe achar as grandes linhas topográficas numa exploração sistemática de toda a área desconhecida.

Ajudou a tomar o terrível território de Sergipe aos quiris e aos breões; devassou a planície circunscrita pelo Itapicuru, pelo São Francisco, pelas remotas serras de Jacobina, num itinerário mal-testemunhado pelas notícias nebulosas de seus continuadores; chegou, talvez, às nascentes do Paraguaçu, aos montes cristalinos da chapada e aos profundos vales que deviam aninhar a ficção da "cidade abandonada"; e foi a Madri, oferecer ao rei Felipe, tesouros que não lhe caberiam nas arcas.

Compelido pelo Governador-Geral, D. Luis de Sousa, a mostrá-los, não quis ou não pôde confirmar a sua palavra.

Disse-se que recebera a ingrãtidão do rei junto à insídia ou à traição de seu delegado.

Morreu de lábios selados, envolto num confuso mistério de prisão injusta, de ódio altivo, de silenciosa vingança, de obstinação ressentida, que metia com êle no túmulo o roteiro das minas de prata. Foi isto o sinal para a pesquisa alvorçada ou secreta, petulante ou dissimulada, em expedições barulhentas ou no anonimato das "bandeiras" clandestinas, das montanhas brilhantes como o sol, Itaverã, Itaberaba ou Sabarabuçu de tupis e paulistas, cuja localização desvairada, numa geografia novelesca, orientou a ocupação da terra pelos mais imprevistos caminhos.

Essa história de uma procura inútil de minas inatingíveis enche duzentos anos de crônica sertaneja; e não poderá extirpar-se da formação brasileira na ampla região limitada ao norte pelas serras baixas e férteis de Sergipe e pelas caatingas secas de onde emerge o calvário abrupto de Monte Santo, ao ocidente pelo sistema orográfico do Espinhaço, e ao sul as alterosas montanhas das Minas Gerais. No meio desse vasto país de tão variado aspecto alvejam idealmente as minas de prata, com o seu pólo magnético, na convergência providencial das gerações que lhe foram decifrando o segredo com o domínio valente da terra e a fixação pacífica do homem.

Essa tese é uma tentativa, em profundidade e superfície, da restauração da verdade documental a respeito do mito dessas minas descontraídas.

O préstimo que possa ter, está nas informações inéditas que retomam, com a necessária nitidez, a figura do sertanista, dando-lhe ao mito um contorno reluzente de acontecimento, miragem, continuidade, profecia.

Os papéis aqui resumidos ou reproduzidos, desfazem as últimas névoas que embrulhavam nas mais disparatadas versões o perfil autêntico de Belchior Dias, a sua passagem pelo panorama dos tempos, sua presença efetiva no fabulário nacional. Existiu, imaginou, prometeu. A sua letra ressurgue nas escrituras desse compromisso; e a verdade se impõe, na trama intrincada de sua ilusão.

À história territorial do Brasil faziam falta esses documentos.

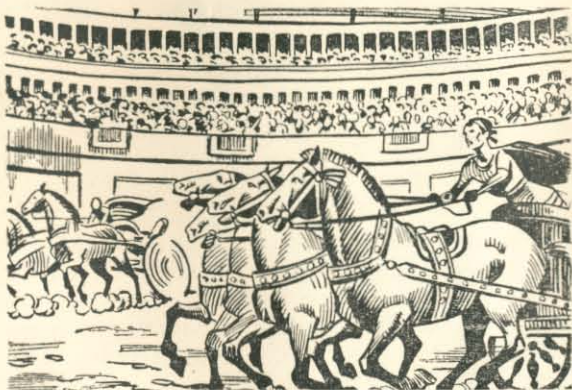
Ganha, em todo caso, a galeria dos fundadores da nacionalidade, um retrato rústico e esquecido que há muito tempo nela devia estar: a fisionomia estóica do neto de Caramuru, que, antes dos outros, andou exaustivamente pelos "sertões" e, para sempre, acendeu, nos topos das serranias azuis o clarão maravilhoso da lenda — que serviu de guia e referência para a posteridade".

PEDRO CALMON

"O Segredo das Minas de Prata".



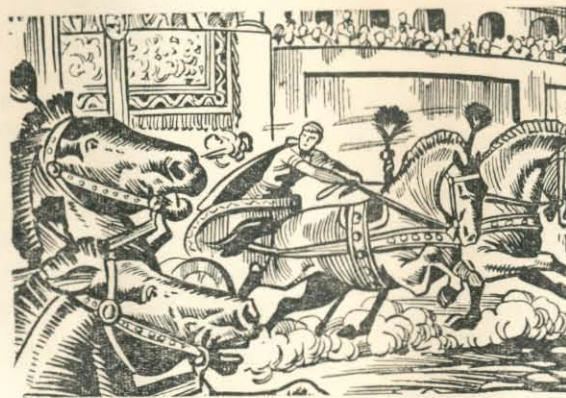
DIFERENTES HIPÓDROMOS FORAM CONSTRUÍDOS PARA A REALIZAÇÃO DAQUELAS CORRIDAS DE CAVALOS QUE EMPOLGAVAM ESPÍRITOS COMO O DE FELIPE DA MACEDÔNIA



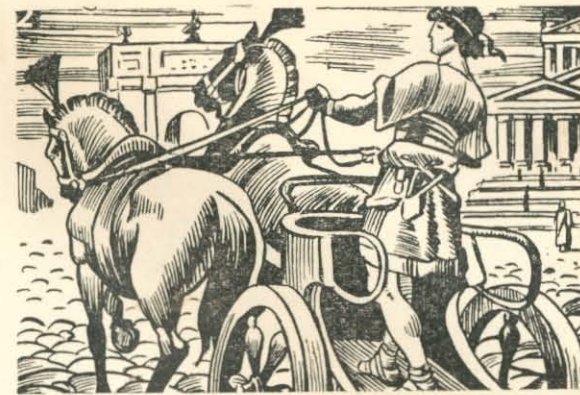
3 — As corridas de carros fizeram parte dos grandes jogos olímpicos havendo sido construídos diferentes hipódromos para essas exibições, que visavam a demonstrar a força dos animais e a perícia dos seus condutores, muitos deles de alta linhagem, pois que tais corridas entusiasmaram vultos como Felipe da Macedônia, que foi sempre, aliás, um grande apreciador de cavalos, transmitindo esse gosto àquele seu filho que haveria de sagrar-se senhor do mundo, em determinada época: o grande Alexandre, cujo primeiro feito, segundo Plutarco, foi domar um animal rebelde...



1 — Virgílio, nas «Geórgias», atribui a invenção do carro a Erictonius, rei de Atenas, que, devido ao fato de ter as pernas tortas era impedido de caminhar... Mas os atenienses atribuíam a criação do veículo aos próprios deuses, repartindo-se as preferências entre Palas e Netuno. Certo é que o carro desempenhou importante papel na antiguidade, na paz e na guerra, e até mesmo na arte, pois constituiu expressivo motivo de decoração ou ornamento, como revelam os trabalhos esculturais dos egípcios, dos assírios, dos gregos e dos romanos, nas suas diferentes épocas de grandeza.



4 — No grande Hipódromo de Olímpia realizaram-se grandes corridas de bigas e trigas, havendo ocasiões em que figuraram no prado vinte e cinco concorrentes que fustigavam impiedosamente os animais, procurando conquistar os prêmios oferecidos. Havia nessas corridas, a preocupação de destruir o concorrente, através de hábil manobra que visava a atirar o adversário fora da arena. Procurava, o condutor, fazer com que a roda do carro do adversário, comprimida energicamente, soltasse do seu eixo ou, pelo menos, que o veículo, com o choque, virasse na pista ou dela saísse.



2 — Boa quantidade de carros simbolizando vitórias ornamentaram os templos e praças públicas da velha Grécia. E os romanos adotaram semelhante imagem para perpetuar os feitos dos triunfadores. Seus «arcos de triunfo», profusamente erguidos em diferentes lugares contiveram, sempre, carros em atitudes de alegoria. Diferentes nomes tiveram os primitivos carros greco-romanos: biga, triga, quadriga, sesíga, conforme fosse puxado por dois, três, quatro ou seis cavalos. E conduzir com destreza e elegância esses carros passou a ser uma das preocupações mais aristocráticas.



5 — Foi esta a principal maneira utilizada para alijar concorrentes. O carro, como veículo de guerra foi bastante anterior à Cavalaria. Os heróis de Homero não combatem a cavalo, mas de carro. Aquiles, na Ilíada atrela a seu carro o cadáver de Heitor. Os guerreiros da Tessália atrelavam aos seus carros os inimigos vencidos. Tut-Ank-Amón, o grande faraó monoteísta, quando visitava as obras de seu túmulo esplêndido, conduzia-se no seu imponente carro de guerra. Sim, foi grande a importância do carro, que figura triunfalmente nas medalhas dos grandes imperadores romanos.

Roma, Século II A. C.

«NO II século A. C., Roma se apresentava como um centro de civilização, inteiramente preocupada com sérias transformações, que se assemelhavam a uma verdadeira revolução, resultante, sobretudo, da constituição de um império que ameaçava destruir todo o mundo.

Roma surgira como as outras cidades antigas. Crescera dentro da organização urbana característica da *polis* ou cidade-Estado. Desenvolvera-se graças à agricultura e ao labor pastoril. Não eram, pois, de estranhar, as suas condições modestas dos primeiros séculos. Sua organização urbana repousava, então, sobre a simplicidade política, pureza de costumes — ainda que rudes — e sobre o árduo trabalho do pequeno camponês.

A luta pela vida não tardaria a ensinar aos romanos os primeiros métodos de defesa, que acabariam fazendo de Roma a metrópole do Lácio. Conquistar a península itálica parecera-lhe essencial, pois que outras populações desejavam eliminá-la e concorriam com sua atividade industrial incipiente do III século A. C.

Roma transformou-se aos poucos em Estado guerreiro e dominador. Nas ocasiões necessárias, retirara os camponeses de suas terras para transformá-los em soldados, com evidente prejuízo de sua organização interna.

Com excelente situação geográfica às margens do Tibre, entre a Etrúria, região mais civilizada do norte da Itália, e a Campânia ao sul, que a separava das antigas colônias gregas, Roma, atirada à conquista, iniciar-se-ia no comércio mediterrâneo. Conquistando Cartago e os maiores centros comerciais do Oriente, Roma criaria graves desequilíbrios; perderia seu caráter agrícola e pastoril, para se tornar uma *polis devotada* à especulação financeira. Daí se tornar excessivamente imperialista, banindo todos os Estados concorrentes.

A política de conquista, tão desenvolvida no II século A. C. demonstrava ao romano a insuficiência de sua constituição, feita outrora para um quadro municipal, e que urgia agora adaptar a um império.

Nesta adaptação ou transformação residem todos os choques entre os vários partidos romanos segundo as soluções que desejam adotar.

De um lado encontramos a aristocracia senatorial, integrada por patrícios e plebeus ricos, que monopolizam o governo romano; de outro lado, uma burguesia constituída dos membros da ordem eqüestre e de

uma série de comerciantes enriquecidos por suas transações. Além destas havia uma parte da plebe, que vivia miseravelmente, desprezada e desiludida de obter melhor situação, pois era explorada pelas classes superiores. Camponeses, que pertenciam à plebe, partiam muitas vezes para a guerra, e ao voltarem encontravam as terras ocupadas e regressavam constantemente às fileiras da plebe cuja miséria era cada vez mais crescente à medida que a classe eqüestre enriquecia com suas operações bancárias.

A conquista começara por ser uma porta aberta à grandeza, mas, aos poucos, constituiria passagem à miséria e à ruína de Roma; no II século, os romanos alteram sua religião em contacto com os ritos estrangeiros, a moral se dissolve, o patriotismo se enfraquece, o luxo e a intemperança contrastam com a modéstia e a frugalidade de outrora, sem falar nos princípios políticos helenísticos, que, se já representam papel relevante ainda naquele século não tardarão a dominar a mente dos estadistas no século seguinte. Releva notar que Roma tivera de enfrentar o problema de organizar as províncias, dar-lhes administração diversa, segundo o grau de amizade, o sentimento de autonomia e as diferenças do meio geográfico.

Se isto se dava, não é menos verdade que a conquista abria novos horizontes ao romano; suas idéias se renovariam ao contacto com os povos conquistados, o que acarretava a formação de uma literatura pujante, iniciada muito lentamente no século II A. C.

Com efeito, os romanos no II século em que a guerra contra Jugurta se trava, se vêem a braços com crises que não são apenas fruto da velha rivalidade entre o patriciado e a plebe, mesmo porque esta já perdera sua fisionomia antiga. A plebe cessara realmente de existir, desde longo tempo, como classe social. As revoluções do II século são, antes de tudo, originárias do desequilíbrio que a conquista trouxera, para o qual não bastavam as leis esparsas que, periodicamente, eram arrancadas à oligarquia governamental, porque só adiavam os problemas”.

EREMILDO LUIS VIANA

“Uma Fase do Imperialismo Romano”, tese de concurso à cátedra de História Antiga, da Faculdade Nacional de Filosofia.

BÁRBARA HELIODORA



BATIDO PELO SOFRIMENTO, MERGULHOU NUMA GRANDE NOITE SEM DIA O ESPÍRITO DESSA MULHER ADMIRÁVEL, SÍMBOLO DO AMOR E DA INTELIGÊNCIA FEMININA DE SUA ÉPOCA



3 — Por isso, talvez, o infortúnio não tardou a abrigar-se no lar até então pejado de alegria. Chega a hora da Inconfidência Mineira, e, juntamente com seus companheiros, Alvarenga é preso e principia a peregrinar pelos calabouços do Rio de Janeiro, estacionando muito tempo na ilha das Cobras, de onde escreve à esposa belos e sentidos versos, procurando reanimá-la, procurando sustentar-lhe o espírito, numa desesperada tentativa de quem conhece o objeto de seu amor e percebe que a mulher que lá está, nas montanhas de Minas, está prestes a receber a marca da Fatalidade.



1 — Raras vêzes a beleza física e a beleza espiritual se aliam tão bem como na personalidade de Bárbara Heliodora Guilhermina da Silveira Bueno, cuja graça natural era completada pelo brilho de uma inteligência viva e o relêvo de uma cultura pouco comum nas mulheres do seu tempo, naquela aristocrática Vila-Rica que vivia um grande instante de poesia e de glória. Amante da poesia, poetisa ela própria, só mesmo um poeta poderia conquistar-lhe o coração. Essa ventura caberia a Inácio José de Alvarenga Peixoto, o poeta admirável que se perderia numa grande aventura.



4 — Mas Bárbara Heliodora não sofre mais. O sofrimento do espôso, os versos que êste lhe dirige, já não têm nenhum significado para ela. Nem mesmo aquêlê decreto de maio de 1792, que lhe sequestra os bens e lhe declara infame a geração, a consegue abalar. É que seu espírito mergulhara numa grande noite sem dia. Estava louca. Uma loucura mansa e quieta que a fazia percorrer as ruas da velha Ouro-Prêto ou ir de casa em casa, recitando baixinho, como se embalasse um lindo sonho todo róseo e dourado, os mais lindos versos dos seus dias de felicidade.



2 — Casaram pelo ano de 1778. E não tardou a nascer-lhes uma filha, mimo de graça e formosura, flor de um amor que era um poema de suavidade e encantamento: Maria Efigênia. Os amigos do casal, poetas como êle próprio, impressionados, talvez, com a graça e a elegância da menina, não tardaram a apelidá-la de «princesa do Brasil». A vida para aquelas criaturas transcorria tão plácida e feliz que parecia uma provocação do Destino, que tanto gosta de ser cruel. E o Destino haveria de aceitar o desafio, dando-lhes uma dose de sofrimento muito acima de sua capacidade de resistência...



5 — Maria Efigênia vai-se do mundo dos vivos quando conta quinze anos. Bárbara Heliodora não se apercebe de mais êsse golpe. Continua a perambular pelas ruas sombrias de Ouro-Prêto, a subir e descer aquelas ladeiras sagradas onde cada pedra é uma história e um verso, até aquêlê 22 de maio de 1819, em que, finalmente, a Sorte parece sentir-se tocada de piedade, retirando-a, pela mão suave da Morte, de um mundo que ela não mais poderia compreender. Um mundo que, súbitamente, se tornara mau e feio para quem sempre odiara quanto era mau e era feio...

Alguns Poetas de Minas Colonial

«ERAM filhos da província mineira, José Basílio da Gama, José de Santa Rita Durão, Manuel da Costa, Alvarenga Peixoto e Silva Alvarenga. Os dois primeiros se encontravam na Europa e os restantes formavam uma Arcádia, denominada Ultramarina, que desempenhou saliente papel na história da pré-independência brasileira.

Frei José de Santa Rita Durão nasceu no lugar Cata Preta, arraial do Infeccionado, quatro léguas ao norte da cidade de Mariana. Doutorou-se em Coimbra, em 1756, sendo contemporâneo de Cláudio Manuel da Costa.

Não nos foi possível conseguir maiores detalhes sobre a vida do grande poeta do Brasil-criança, sendo certo, porém, haver falecido em Lisboa, em 1784.

Em 1781 viu a luz o seu poema *Caramuru* que é uma exaltação à terra e ao homem brasileiro. De dois mil exemplares foi a tiragem. Por muito tempo, porém, não passou ao Brasil um só exemplar desse livro que foi o primeiro grito nacionalista. O *Caramuru* é de um gosto extremamente verde-amarelo, saboroso como os frutos da terra, doce como os lábios da Moema e brasileiro como o índio indomável. José Basílio da Gama nasceu na Vila de São José do Rio das Mortes e fez seus estudos de humanidades no Colégio dos Jesuítas, no Rio de Janeiro. A inteligência verdadeiramente privilegiada do jovem estudante, sua religiosidade e os seus modos humildes fizeram com que os mestres o olhassem como a um futuro apóstolo da Companhia.

José Basílio era noviço quando chegou ao Brasil a notícia do golpe de Pombal expulsando os jesuítas do território português. Diante da situação, Basílio renunciou ao sacerdócio futuro, continuando, porém, no Rio.

Pouco depois partiu para Lisboa, estêve em Roma, regressando à pátria, novamente, onde não se sabe ao certo porque, mas supõe-se que devido a intrigas, foi prêso e enviado à Metrópole a fim de ser julgado pelo Tribunal de Inconfidência, como ex-jesuíta.

Na prisão, José Basílio, com o fim de escapar a possível degrêdo para Angola, escreveu algumas oitavas de elogio a Pombal e aplausos pelo seu ato extinguindo a Companhia de Jesus. Extremamente vaidoso,

Pombal sentiu-se sensibilizado com os adjetivos laudatórios com que o enfeitava o brasileiro que lhe reclamava estátuas. Mandou dar-lhe liberdade e transformou-o em pessoa de sua confiança, dando-lhe, em 10 de julho de 1771, "carta de nobreza e fidalguia".

Foi graças a essa proteção que José Basílio conseguiu terminar o magnífico poema "Uruguai", cujo assunto é a derrota do poder jesuítico nas Missões.

Cláudio Manuel da Costa é o primeiro poeta mineiro por antiguidade. Nasceu na cidade de Mariana, antiga Vila do Ribeirão do Carmo. Estudou no Rio e foi a Coimbra, onde publicou, em 1751, "Mínusculo Métrico", "Labirinto de Amor" e "Números Harmônicos". A sua grande obra é o poema "Vila Rica", considerado irmão do "Uruguai", de Basílio.

Cláudio exerceu por muito tempo o cargo de Secretário-Geral do Governo de Minas, tendo deixado mais de cem sonetos.

Inácio José de Alvarenga Peixoto foi, a nosso ver, o maior gênio poético do Brasil-colonial. Formado em Coimbra, Alvarenga Peixoto obteve as graças de Pombal, que o nomeou Ouvidor de Minas Gerais com a patente de "Coronel do 1.º Regimento Auxiliar da Campanha do Rio Verde".

Alvarenga Peixoto sonhou estabelecer na América a cabeça do Império português, chegando, no auge do entusiasmo, a escrever uma Ode onde concita a rainha D.ª Maria I a transportar-se ao Brasil e dominar a América:

*"Fidelíssima Augusta
Desentranhe riquíssimo tesouro
Do cofre americano a mão robusta.
Se o Tejo ao Minho e ao Douro
Lhe aponta um rei em bronze eternizado
Mostre-lhe a filha eternizada em ouro".*

SÉRGIO MACEDO

"A Literatura do Brasil Colonial".

AS NÚPCIAS DE VENEZA

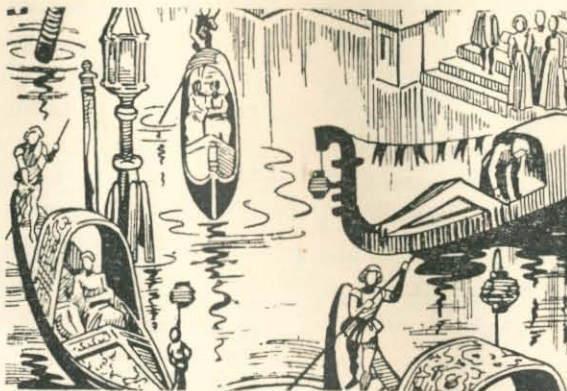
NOIVA ETERNA DO ADRIÁTICO, TODOS OS ANOS A ORGULHOSA E OPULENTA REPÚBLICA DE VENEZA CELEBRAVA, EM ESPLÉNDIDA PROCISSÃO DE GÔNDOLAS, SUAS NÚPCIAS COM O MAR...



3 — Palácios de mármore e ouro, templos de arrojada concepção, basílicas como a de São Marcos, foram erguidas entre os séculos IX e XV. Toda uma legião de artistas imortais, mestres do sentimento e do belo — Bellini, Ticiano, Correggio, Tintoretto — dá-lhe o melhor de sua alma. Ao findar o século XVIII, Veneza era a cidade de todos os esplendores, a cidade da música, do teatro, das festas contínuas, do luxo mais grandioso, e, também, a cidade do mistério e do crime a exercer poderosa fascinação sobre os espíritos, despertar a curiosidade do mundo...



1 — Varridos pela onda de bárbaros, pelas invasões de Átila, os venetos, que habitavam vastas regiões da Itália do Norte refugiaram-se ao longo da costa, nas ilhotas da laguna e nos pântanos de Mincio, sobre eles construindo um Estado: Veneza, edificada, pois, em terrenos roubados ao mar. Do mar lhe adviria a fortuna: o mar seria a larga estrada através da qual se tornaria um dos mais intensos focos de civilização na Europa. As Cruzadas, as grandes expedições empreendidas pelos cristãos europeus aos lugares santos do Oriente, lhe abririam as portas da fortuna.



4 — Todos os anos realizava a República sua festa de maior esplendor, festa que foi a mais brilhante da Idade Média: o casamento de Veneza com o mar Adriático. Em gôndolas de rara beleza e imponência, ou em barcos, outros, de aparatosa concepção, longa procissão demandava o mar largo através dos canais citadinos. E o poderoso Doge, chefe eletivo da República, num gesto imponente, atirava às ondas, num gesto magnífico, rico anel simbólico. Era o casamento da República com o mar. Era a recordação da distinção recebida em velhos tempos do Papa Alexandre III.



2 — Foi Veneza que forneceu víveres e navios às imensas legiões armadas. E seus barcos cruzaram diferentes mares conduzindo riquezas, enquanto seu poderio se estendia consideravelmente. Em seus portos, o trabalho não sofria interrupção alguma a hora alguma do dia ou da noite. República independente, governada por um chefe, o Doge, auxiliado pelos magistrados que compunham o Conselho dos Dez, possuindo uma espécie de Congresso representado pelos negociantes ricos, de famílias antigas, que formavam o Grande Conselho, Veneza deu-se extraordinariamente ao luxo.



5 — O caso é que, agradecido aos venezianos pelo auxílio que lhe haviam prestado contra um imperador bárbaro, o Papa Alexandre III enviara a Veneza lindo anel de riquíssima pedraria com estas palavras: «Toma este anel, vós e vossos sucessores, perpétuamente, para que signifique a união de dois esposos». Cidade onde havia verdadeiro terror de venenos, a ponto de todos guardarem a sete chaves os alimentos, a água e o vinho, Veneza, frutti di mare, principiou a decair em 1866, quando passou a integrar o reino da Itália. Viveria eternamente, porém, como um poema de rara beleza...

Veneza

«**N**A Itália do norte, o Veneto ocupou sempre uma situação à parte: a curva dos Alpes, o lago de Garda, os pântanos de Mincio e o curso inferior do Pó reforçado pelo Adigio, fazem-lhe uma barreira que lhe permite conservar uma personalidade muito forte. Na antiguidade, os seus primeiros habitantes foram os Venetos que a lenda pretende terem sido levados até ali pelo troiano Antenor. Escaparam às invasões dos gauleses e, tornados romanos, conservaram a sua individualidade. Em plena prosperidade foram varridos pela onda de Bárbaros; os sobreviventes refugiaram-se ao longo da costa, nas ilhotas da Laguna, e assim nasceu Veneza que ia tornar-se um dos focos mais intensos da civilização na Europa. As Cruzadas abrem-lhe os caminhos do Oriente e o seu comércio enriquece-a com rapidez. O seu império estende-se pouco a pouco sobre as praias do Adriático e a bacia oriental do Mediterrâneo, e em terra firme alastra-se até Adda. As suas armadas são onipotentes, as suas riquezas permitem-lhe ter o apoio dos mais célebres *condottieri*, mas, avisada, desconfia dos soldados vencedores e não se deixa dominar por eles.

Na Renascença os seus embaixadores elucidam-na com rigor sobre a política dos grandes e pequenos Estados; e a inteligência do seu Governo faz dela, muitas vezes, o árbitro das guerras na Europa.

Então, é rica, poderosa e bela. Tem a sua velha basilica bizantina, onde os ouros, os mármore e os mosaicos brilham com um fulgor velado e misterioso; possui, também, o palácio dos doges, que une as grandes massas de sua construção à finura e elegância do traçado. Os nobres venezianos constroem, ao longo do grande Canal, os seus palácios de mármore, de rasgadas janelas, coloridos e encantadores; e cada uma das suas inúmeras igrejas encerra verdadeiros tesouros de arte.

Os seus pintores, os Bellini, os Giorgione, os Ticiano, os Corregio, os Tintoreto, os Veroneso e, mais tarde, Tiepolo, põem nas suas obras toda a luz esplendorosa da laguna.

A magnificência de Veneza tem alguma coisa de paradoxal. Para que este burgo insignificante, construído no meio do mar, sobre ilhéus de lama inconsistente, tenha podido tornar-se numa cidade rica, numa poderosa república, foi necessário um concurso de circunstâncias verdadeiramente extraordinário. Mas essas condições favoráveis não deviam subsistir: os turcos firmavam-se na Europa, e uma após outra, arrancavam a Veneza as suas possessões do Mediterrâneo oriental; ao mesmo tempo, os grandes viajantes do Renascimento abriam novos caminhos ao comércio e então chegou para Veneza a hora do seu declinar.

É certo que ele não se manifestou imediatamente: esta cidade delicada e artificial era puro produto do espírito; e a inteligência, a argúcia, a tenacidade maravilhosa de seus habitantes tinham construído aí um mecanismo tão sutil e tão perfeito que as suas peças pareciam não poder parar. No século XVIII, Veneza é a cidade de todos os esplendores, da música, do teatro, das festas contínuas; mas, sob esta aparência faustosa, não há, na realidade, senão podridão e ao primeiro contacto com um mundo novo, a orgulhosa república dos doges será demolida, tal como numa bela manhã de verão o seu *campanile* deveria ruir sobre a Praça São Marcos.

O *campanile* levanta hoje de novo a sua flecha por cima da laguna e Veneza encontrou uma atividade que faz dela uma grande cidade. Para conservar a sua posição marítima precisa de lutar persistentemente; protegeu o seu *lido* contra os assaltos do mar, construindo, no século passado, os *Murazzi*, enormes amontoados de blocos de mármore e eles defendem a sua laguna contra o lodo.

Incessantes dragagens permitem aos navios de grande tonelagem atravessar os canais do Lido, de Malamocco e de Chioggia, e chegar ao seu arsenal e à sua estação marítima. Graças a isto a atividade de seu porto aumenta cada ano”.

GARNIER, traduzido por Jm. COSTA
“A Itália” — (Enciclopédia pela Imagem)



IDÉIA PÉRFIDA AQUELA DE EXPOR AOS TIROS DE SEUS COMPATRIOTAS AS SENHORAS PERNAMBUCANAS. MAS OS BRASILEIROS INVESTIRAM A ARMA BRANCA E ESMAGARAM OS INIMIGOS



1 — O domínio holandês no Nordeste caminhava para o fim. Declinava rapidamente o poderio militar batavo em Pernambuco, enquanto mais e mais se avolumavam as forças dos «Independentes» — aqueles grupos de patriotas decididos a expulsar o invasor, de qualquer forma, do solo da pátria. Perseguido desde a derrota do Monte das Taboas, o exército flamengo avançava em direção ao Recife, ansioso pela garantia que para ele representavam as fortificações da cidade. A tropa vinha nervosa, excitada, cuidando ver emboscadas por toda parte, inimigos em todas as curvas da estrada...



2 — No antigo engenho de Dona Ana Pais, na campina que se chamaria, depois, Casa Forte, as tropas holandesas em marcha procuraram abrigo. Até Fernandes Vieira, que com os seus grupos de patriotas se encontrava acampado na Várzea, chegaram notícias do fato. Era noite fechada e copioso aguaceiro empapava a terra. Nunca se vira tanta chuva e os homens mostravam-se friorentos e inquietos. Nervoso, vibrando, Vieira entendeu de marchar imediatamente contra o inimigo, disposto a surpreendê-lo e reduzi-lo completamente à impotência. Não seria difícil, pensava Vieira.



3 — O exército libertador pernambucano empreendeu a penosa marcha pelos caminhos transformados em mares de lama. Quando o dia vinha rompendo transpunha o rio Capibaribe, nas proximidades de Cordeiro. Um pouco mais e surpreendia os batavos na Casa Forte. Dentro em breve principiava a mortandade. Entrincheirados na capela e na casa do engenho, os holandeses fuzilavam os atacantes que respondiam valentemente ao fogo, convencidos da vitória final. Não poderia deixar de ser assim. O engenho estava praticamente cercado e tudo se resumia numa questão de tempo.



4 — Os comandantes holandeses compreenderam imediatamente a situação perigosa em que se encontravam. Tiveram, então, uma idéia absolutamente covarde, perfeitamente requintada em maldade. Ordens apressadas foram dadas. E diferentes senhoras pernambucanas que eles haviam aprisionado em diversos engenhos, foram colocadas às janelas da Casa Grande do engenho, expostas aos tiros de sua própria gente. Os pernambucanos não poderiam responder ao fogo batavo sem perigo de morte para as indefesas prisioneiras. Teriam eles coragem de ferir inocentes mulheres?



5 — Suspenderam fogo os «Independentes», indignados diante da covardia do inimigo. Mas, agitando os braços, admiráveis de heroísmo, as mulheres gritavam para os soldados de Pernambuco: «Atirem! Não se importem conosco». Mas Vieira e Vidal de Negreiros não queriam o sacrifício de mulheres tão nobres. E foi a arma-branca, num corpo a corpo impressionante e heróico que os brasileiros investiram para esmagar os holandeses, aparvalhados diante da audácia daqueles bravos que as armas de fogo não conseguiram deter, e cujos olhos despejavam verdadeiros lampejos de ódio...

Os Canaviais e os Holandeses

«**F**ERNANDES VIEIRA, naquela noite, no seu engenho São João, reunia os chefes da revolta. Tinha-os convocado, um por um, para que ouvissem e resolvessem sobre aquela tremenda ordem secreta de Teles da Silva, o Governador português na Bahia, determinando que se incendiassem todos os canaviais de Pernambuco para que os holandeses, desiludidos de ressarcir os prejuízos da guerra, abandonassem a capitania conquistada.

Era para além dos meados de 1646. Estava-se no período mais sangrento da restauração pernambucana. A guerra contra o domínio flamengo estalara um ano antes nos sertões de Pernambuco e nas capitanias vizinhas, como um desabafo brutal de oprimidos contra opressores.

Mas, desta vez, ao contrário de quinze anos atrás, no tempo da invasão neerlandesa, a sorte das armas sorria francamente aos brasileiros.

A vitória estrondosa das Tabocas enfraquecia o ânimo bätavo, inflamando os ideais dos nossos. A reconquista dramática de Casa Forte mais vivamente atizara o valor dos reivindicadores da terra. Vlaer, o feroz, o flagelo dos nacionais, não mais metia medo a ninguém: tombara morto por uma descarga em caminho de Serinhaém. O sítio de Nazaré passara às mãos dos brasileiros pela traição do Major Hoogstraten. O forte Maurício, depois de um cerco de mais de três meses, também caíra às armas dos patriotas.

Cristóvão Lins, à frente de seu bando, reconquistara Pôrto Calvo.

Revezes, muito poucos, e o maior dêles, o de Serrão de Paiva, com os seus navios destruídos pela esquadra de Lichthard.

Mas a chama da independência ardia no coração de todos os filhos da terra. Na Paraíba, Cosme da Rocha, Francisco Leitão, Rodrigues Vidal, Simão Soares tinham levantado a resistência do Arraial de Santo André, à guisa do Novo Arraial do Bom Jesus, das vizinhanças do Recife.

O domínio da Holanda em Pernambuco sofria golpes profundos. Olinda havia caído à intrepidez de Soares Barbosa; na Várzea, os restauradores conquistaram, dia a dia, as posições mais estratégicas,

Podia-se dizer que os flamengos no Recife eram senhores de um presidio. A situação da cidade ia além das forças humanas. Ninguém podia andar nas ruas que não fôsse baleado pelas emboscadas dos insurgentes. Um púcaro d'água custava sempre a vida a quem fôsse buscá-lo nas fontes. Morria-se de fome e de sede em plena rua. O cerco dos pernambucanos cada vez mais apertava a cidade num elo de tormentos.

E era justamente naquela ocasião, quando os revezes e os desânimos abatiam as almas holandesas, que estalava nas hostes restauradoras aquela ordem secreta de Teles da Silva mandando incendiar os canaviais da capitania!

— Quero ouvir-vos a um por um, disse Fernandes Vieira na larga sala da casa do engenho, iluminada a archotes. Não quero executar a ordem do Governador sem primeiro saber o que pensais.

E diante do silêncio dos chefes voltou-se para a direita, apontando:

— Vidal de Negreiros, falai!

A figura morena do guerreiro paraibano ergue-se. Achava que não se devia executar a ordem. Era insensata. Era absurda. A destruição dos canaviais não prejudicava os usurpadores flamengos que os não haviam plantado e sim os filhos da terra que os custearam, esperando os lucros certos da safra. Queimar os canaviais era empobrecer a terra.

— E empobrecer a capitania, exclamou fortemente Soares Moreno.

Vidal de Negreiros, com a mão espalmada pediu silêncio. E continuou a falar:

— Não podemos duvidar um só instante das intenções de Teles da Silva para conosco. São as mais puras, as mais sinceras.

— Essa ordem faz duvidar dessa sinceridade e dessa pureza, asseverou Cordeiro Mendanha, com ardor.

Negreiros insistiu:

— Não podemos duvidar, apesar da ordem.

E durante algum tempo só a sua voz ressoou na larga sala que o archotes alumiaavam".

VIRIATO CORREIA
"Baú Velho".

DRAKE O CORSÁRIO



PERTO DE 120 MILHÕES DE CRUZEIROS FOI O VALOR DO BOTIM LEVADO À INGLATERRA PELO AUDACIOSO CORSARIO, AGRACIADO PELA PRÓPRIA RAINHA ELISABETE



3 — Encorajado pela rainha Elisabete, que o auxiliou com cinco navios e 1.000 «coroaes», Drake lançou-se a novas aventuras, escalando nas costas do Brasil, em 1577, onde teve que abandonar dois navios. Em agosto do ano seguinte penetrava no estreito de Magalhães. Estava só, então. Tempestades contínuas haviam separado seu barco, o «Golden Hids», dos demais, que se apressaram a recolher-se à Inglaterra. E Drake prosseguiu viagem América acima, sempre saqueando, pilhando, matando. Era cavalheiresco, porém, o audacioso corsário, que exercia curioso fascínio sobre as mulheres.



1 — Nascido em Tavistock, no Devonshire, Inglaterra, em 1545, Francis Drake, cujo nome haveria de espalhar o terror entre os navegantes de seu tempo, teve, desde cedo, poderosa atração pelo mar. Filho de um eclesiástico muito pobre, foi confiado a um capitão da marinha mercante que realizava viagens pelas costas da França e da Zelândia, o qual se afeiçoou por tal forma ao jovem grumeta que ao morrer lhe legou o barco que possuía. Drake tinha, então, dezoito anos e acalentava os mais radiantes sonhos de grandeza que um jovem de sua época poderia alimentar.



4 — A 26 de setembro de 1580, depois de uma ausência de três anos, entrava ele em Plymouth. Sua tripulação estava reduzida a 57 homens e possuía a bordo apenas três barris de água. Conduzia, porém, fruto da pilhagem, uma fortuna que se pode avaliar, hoje, em perto de 120 milhões de cruzeiros. Seu sucesso e sua riqueza despertaram inveja. E contra Drake organizou-se verdadeira conspiração, destinada a perdê-lo irremediavelmente. Não poderiam deixar de produzir efeito os planos elaborados — diziam seus desafetos. A rainha puniria exemplarmente o audacioso.



2 — Uma coisa, porém, era possuir um barco; outra, bem diferente, comandá-lo. E Drake teve que aprender a dirigir o seu barco. Sujeitando-se a servir sob as ordens de um parente afastado, John Hawkins e da Matemática e da arte de navegar, e aos vinte anos já havia realizado longa viagem ao Novo Mundo, semeando a destruição e a morte entre os espanhóis, cujos navios tomava de abordagem, saqueando, em seguida, impiedosamente, as feitorias dos vencidos. Em pouco, seu nome passou a ser símbolo de terror em todos os mares.



5 — Mas Elisabete, a rainha, que provavelmente previa a próxima guerra com a Espanha e calculava os serviços que poderia prestar-lhe aquele homem audacioso, pôs fim ao trabalho dos inimigos do corsário. A 4 de abril de 1581, a rainha, em pessoa, a bordo do navio de Drake, em Deptford, no Tâmisia, armava-o cavaleiro, dando-lhe pública demonstração de solidariedade. O corsário era agora, Baronet. E o novo Sir haveria de agradecer a consideração da rainha lutando valentemente contra a «Invencível Armada» da Espanha, conquistando para a Inglaterra o domínio dos mares...

A Era Elisabetiana

«A 3 de abril de 1603, aos setenta anos de idade, ela exalava o último suspiro. Era trágica a cena. A agonia fôra prolongada e extraordinariamente dolorosa, como se pungentes remorsos alanceassem o coração prestes a vibrar a última pancada. Talvez que o espírito de Mary Stuart deambulasse pelo aposento imenso onde os válidos tinham os olhos marejados de lágrimas.

— "Tudo o que possuo, em troca de mais alguns instantes de vida!", exclamara, em desespero, a mulher que se extinguia. Foram as suas últimas palavras, desde que depois disso a morte selara definitivamente aquêles lábios que haviam proferido tanto bem e haviam dito tanto mal.

Elisabete da Inglaterra findava-se depois de quarenta e quatro anos de reinado — glorioso Governo, a despeito de tudo, apesar dos erros, não obstante as falhas, até mesmo crimes.

A Inglaterra conhecera a sua idade-de-ouro. Cecil e Walsingham, ministros com a estatura de estadistas, tinham elevado bem alto a política.

Drake e Hawkins haviam assegurado a Albion o domínio dos mares, notadamente depois que o Destino se aliara à Grã-Bretanha para derrota da "Invencível Armada" de Felipe da Espanha.

Spencer e Shakespeare formavam a literatura inglêsa, enquanto Bacon sagrava-se figura exponencial do pensamento filosófico.

Raleigh colonizava a América, Davis descobria o estreito de seu nome.

Sim, a Inglaterra vivera grandes dias na "era elisabetiana".

Oh, sem dúvida, muito se poderia dizer em desfavor da rainha morta, inclusive duvidar seriamente daquela virgindade que ela mesma se atribuíra ao denominar-se a "rainha virgem", pois é certo que Leicester, Hatton, Pickering, Essex, apresentaram para a nação todos os inconvenientes que costumam ter os favoritos ou os favorecidos. Mas numa pesagem imparcial; numa análise serena e justa, os serviços obscureciam quase totalmente os erros, os ridículos, as fraquezas.

Poucos dos que ali se encontravam, agora, na câmara mortuária, e que haviam acompanhado, muitos dêles, a trajetória política de Elisabete, acreditaram em que a rainha levada ao trono em condições bas-

tante curiosas, acabaria por alcançar um lugar de grande destaque na História, como o alcançou.

Nascida em 1533 — fruto do casamento famoso que traria como consequência a rutura de relações entre a Inglaterra e Roma — Elisabete, como filha perfeita de Henrique VIII e da infortunada Ana Bolena, possuiu uma energia nâscula e uma coqueteria tipicamente feminina.

Seu pai, que a declarara ilegítima quando enviara ao carrasco a esposa da qual desejava separar-se, reparara, posteriormente, o ato praticado, quem sabe, num momento de insensatez ou desespero, nomeando-a sua sucessora.

Mas Elisabete manteve sempre, até subir ao poder, vida simples, voltada para o estudo e para a meditação, formando, pacientemente, aquela cultura e aquela erudição que haveriam de espantar os sábios de Oxford e Cambridge.

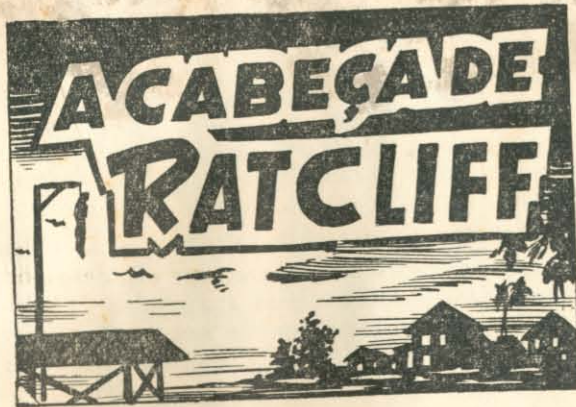
Seu primeiro ato, como rainha, foi regulamentar definitivamente a questão religiosa que então preocupava o país. O Papa Paulo IV cometeu a imprudência de tocar-lhe na ilegitimidade do nascimento, convidando-a a curvar-se a Roma; e Elisabete, entre a religião que lhe contestava as condições de filha e de rainha, pretendendo submeter o centro inglê, e a religião que reunia em suas mãos os dois poderes, temporal e espiritual, não hesitou. O Parlamento foi convocado e ela fez-se declarar Chefe da Igreja Anglicana, revigorando tôdas as antigas leis de Eduardo a propósito do culto.

Bem mulher, entretanto, foi a enérgica Elisabete. Um par de botas novas (e ela detestava o cheiro do couro novo), foi o bastante, muita vez, para a desgraça de um ministro. E talvez que a fisionomia de Raleigh tenha sido mais definitiva, na carreira desse grande homem, do que mesmo todos os seus feitos, inclusive o que se refere à América...

Uma coisa é exata, porém, como dizem os historiadores inglêses: "a era de Elisabete foi a Grande Era para a Inglaterra".

SÉRGIO MACEDO
"Elisabete e sua época".

A CABEÇA DE RATCLIFF



RATCLIFF TERIA SIDO MESMO ENVIADO POR CARLOTA JOAQUINA PARA PERTURBAR A POLÍTICA DE PEDRO I? DE QUALQUER FORMA FOI DIABÓLICA A VINGANÇA DO PRIMEIRO IMPERADOR



3 — Haviam saído bem cedo da cadeia do Aljube, assistindo, ajoelhados na soleira da porta da Igreja de Santa Rita, no largo do mesmo nome, segundo a praxe, uma das missas do dia. E agora estavam prontos para morrer. Esperava-se, porém, uma notícia. Aguardava-se, a qualquer momento, a chegada do perdão imperial para Ratcliff, em cujo favor haviam sido mobilizadas poderosas forças, inclusive o prestígio da famosa Marquesa de Santos. Quem era Ratcliff? Dizia-se que havia sido enviado pela rainha Carlota Joaquina para perturbar a política de seu filho, o imperador Pedro I.



1 — No dia 17 de março de 1825, a «Prainha» (atual praça Mauá, D. F.) apresentava inusitado movimento. Boa parte da população carioca ali estava para assistir velho espetáculo que atraía, sempre, grande massa de curiosos: uma execução. Como se se tratasse de acontecimento festivo, homens, mulheres e crianças mal continham o nervosismo da espera, enquanto trocavam idéias a respeito da força que serviria para três execuções. Com efeito, nada menos de três condenados pela justiça Imperial sofreriam a pena capital naquela radiosa manhã de calor e céu azul.



4 — Não possuímos elementos para confirmar a exatidão da afirmativa, repetida por velhos cronistas. É certo, porém, que Pedro I manifestou particular empenho na condenação desse homem, chegando mesmo, como narrou Tôres Homem, no «Libelo do Povo», a exigir dos desembargadores a condenação do réu, à morte, pois, dizia, «queria ter a glória de perdô-lo». O perdão não foi dado, porém, e Ratcliff foi executado com seus companheiros. Não ficou nisso, todavia, a vingança de D. Pedro, que chegou a ser desumano, diabólico mesmo. Não fôra êle um temperamento arrebatado...



2 — Eram réus de traição e haviam vindo da Bahia, procedentes do Recife, onde tinham participado, no ano anterior, do célebre movimento da Confederação do Equador. Chamavam-se João Metrovich, Joaquim da Silva Loureiro e João Guilherme Ratcliff. Mas eis que surgem os condenados, marchando a passo lento, acompanhados da guarda, do carasco e do sacerdote, ao qual haviam confessado seus pecados, momentos antes. Vestiam a alva dos condenados e conduziam ao colo o barão dos enforcados. Suas fisionomias traziam a marca dos grandes sofrimentos morais.



5 — O caso é que o corpo de Ratcliff — a ser verdade o que afirmam alguns cronistas — não foi sepultado como o de seus companheiros, mas conduzido a certo pavilhão de madeira onde o dr. Francisco Júlio Xavier teria cortado a cabeça do cadáver, colocando-a num barril com sal grosso, que foi, em seguida, fechado e lacrado. Dias depois partia para Portugal o oficial José Duarte Galvão conduzindo o dito barril, presente de Pedro I a Carlota Joaquina, a fim de que ela visse, com os seus próprios olhos, o destino que tivera o conspirador que ousara enviar ao Brasil de seu ilustre filho...

A Ordem é Matar

«D. PEDRO I friamente, inabalavelmente, acha que, só com a perda das cabeças se deve castigar os que se rebelam contra o seu mando.

E ordena a morte de todos que lhe caem nas mãos.

O ano funesto de 1825 êle o ensopa de sangue dos mártires. De janeiro a novembro, desde a primeira execução, que é a de Frei Caneca, a 13 do primeiro mês do ano, à de João Viegas Frazão, a última, a 9 de novembro, vive a nação num arrepio de angústia a cada cabeça que rola decepada.

Os patibulos estão armados em Fortaleza, na Vila de Icó, no Recife e no Rio de Janeiro. São nada menos de vinte mártires sacrificados. Até um pobre diabo, o meirinho José Félix, até o ex-escravo Feliz, um João-ninguém, o tribunal executa com as pompas que se dão aos grandes rebeldes.

E o que espanta em tudo isso é a inflexibilidade sinistra de Pedro I. Ao pronunciar-se a sentença de morte de Frei Caneca, o clero inteiro do país agita-se a provocar a clemência imperial. Chovem as súplicas mais aflitas e mais prestigiosas.

Êle não cede, não cede uma linha. E depois, em documento para a comissão militar de Pernambuco, classifica as rogativas do clero de "louca e incurial pretensão".

No Recife, na véspera do sacrifício do grande frade republicano, o cabido vai em pêso à comissão militar pedir que retarde a execução até que chegue o indulto do imperador que tôda gente tem como infalível. A comissão, que certamente tem instruções secretas, expulsa e repreende os sacerdotes, ao que nos conta Ulisses Brandão, considera aquêle ato uma nova forma de rebeldia.

À proporção que as penas de morte vão sendo impostas, chegam às mãos imperiais os rogos de perdão. O Ceará implora a favor do Padre Mororó; Pernambuco invoca os sentimentos piedosos do soberano em prol de Nicolau Martins Pereira e Agostinho Bezerra Cavalcanti, major dos pretos.

Para êsses dois últimos a munificência do príncipe é contada como certa. Nicolau era o patriota arrojado da Independência, conhecido pela bravura indômita quando foi da expulsão das tropas portuguesas do

Rio e da Bahia. Agostinho, quando o povo do Recife, enfurecido, quisesse queimar as casas dos comerciantes estrangeiros, tivera força e prestígio para conter o povo. Era o comércio inteiro a pedir por êle.

Mas D. Pedro não se comove. Nega e nega sempre.

E ao invés de recomendar clemência põe-se a enviar officios e officios ao conselho de guerra, ordenando que sejam apressadas as execuções e censurando-o por perder tempo em esperar o seu indulto. Não perdoará ninguém! Quem fôr condenado à pena máxima, que seja morto imediatamente.

A censura produz tal efeito no ânimo do conselho, que Agostinho Bezerra, com espanto de todo o mundo, é executado na Semana Santa, na tarde da procissão dos Passos.

Um abalo profundo produziu no país inteiro a morte de Frei Caneca. As circunstâncias de que se reveste o momento trágico da execução sacodem as almas mais indiferentes; não se encontra quem puxe a corda da força para sacrificar o grande frade; o carrasco recusa-se, recusam-se dois ou três presidiários que se vão buscar nas cadeias. E o pobre frade morre fuzilado.

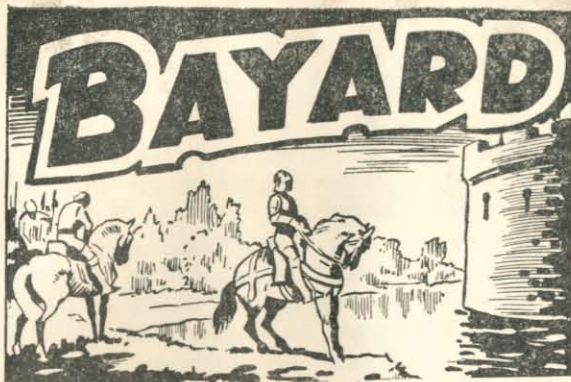
Diante de todos êsses incidentes dramáticos, a nação inteira arrepiava-se, comovida.

Apenas uma pessoa não se sensibiliza. É D. Pedro. Continua surdo às implorações e não cede a pedido nenhum.

Ressoa de norte a sul um grande clamor de piedade pelos desgraçados que morrem e pelos que vão morrer.

E entre essas vozes, há uma que impressiona pelo nobre tom de angústia insopitada. É a voz do brigadeiro Francisco de Lima e Silva, presidente da sinistra comissão militar encarregada do julgamento sumário dos réus. Os seus officios ao Govêrno são gritos de revolta contra aquela carnificina e mãos súplicas erguidas em favor das vítimas. Se executada a última carta imperial, seria preciso condenar à morte mais de cem pessoas, diz êle em circular ao Conselho de Estado. E está sempre a aconselhar "mais humanidade que severidade".

VIRIATO CORREIA
"Baú Velho".



ADMIRÁVEL CAVALEIRO SEM MEDO E SEM MÁCULA FOI REALMENTE ESSE FRANCÊS PIERRE DU TERRAIL, QUE NÃO É UMA PERSONAGEM DE LENDA, MAS FIGURA REAL DE GRANDE EXPRESSÃO



1 — Figura de epopéia, símbolo mesmo do espírito cavaleiresco, Pierre du Terrail, Senhor de Bayard, que se tornaria conhecido como o «cavaleiro sem medo e sem mácula», nasceu em fins de 1476, no castelo de Bayard, situado a algumas léguas de Grenoble. Segundo de quatro filhos que pertencia a uma das mais antigas famílias do Delfinado e sua educação, confiada a um tio, arcebispo de Grenoble, foi das mais perfeitas para a época. Revelando desde cedo invencível inclinação para a carreira das armas, foi admitido, como pagem, aos catorze anos, ao serviço do Duque de Savóia.



2 — Em Lyon, mais tarde, passaria ao séquito de Carlos VIII de França, que se impressionara fortemente com a graça do jovem e a sua elegância no montar, e manejar as armas nas lutas e torneios. Na campanha de Nápoles, empreendida pelo monarca francês, Bayard recebeu o batismo de sangue. Tinha então dezoito anos e distinguiu-se de maneira notável, tomando ao inimigo diferentes bandeiras, fazendo frente a situações altamente perigosas. Iniciou, então, uma carreira admirável de heroísmo e belos gestos, em que os episódios se sucederiam fartamente.



3 — Lutando contra as pretensões de Ludovico Sforza, na guerra empreendida por Luís XII, Bayard desbaratou um exército espanhol, fazendo prisioneiro o poderoso Dom Alonso de Soto Mayor, que tratou com a maior consideração, reconduzindo-o, posteriormente, até sua gente. Sabedor de que o inimigo o caluniava, convidou-o, conforme as tradições da época, para um combate corpo a corpo, e matou-o em duelo. Pouco mais tarde, salvava de uma derrota certa o exército francês, guardando, inteiramente só, com lances inauditos de bravura, uma ponte sobre o rio Carigliano.



4 — Participante das mais terríveis lutas da Europa do tempo, Bayard praticou admiráveis feitos no assédio de Milão. Na defesa de Mézières, porém, a Morte viria ao seu encontro, farta, quem sabe, de sofrer derrotas nas armadilhas que preparara ao cavaleiro. Eram dez horas da manhã de 30 de abril de 1524. Travava-se violento combate em Rébece, vilarejo a algumas horas de Milão. Súbito, viram todos, que Bayard baqueava. Um tiro de arcabuz lhe partira a espinha. Muito pálido, fez um gesto e cerrou os olhos. Morria aos quarenta e oito anos, coberto de admiração e glória.



5 — Cavaleiresco em tôdas as atitudes, generoso com os vencidos, prezando a justiça acima de tudo, desinteressado ao extremo, Bayard deixou uma filha natural, consequência de um romance com certa linda jovem da pequena cidade de Cantu. Prezando a virtude e o saber, Bayard é um símbolo de dignidade, nobreza, valor e cavaleirismo. E todos os que escreveram a respeito de sua extraordinária figura, desde Guyard de Berville, em 1768, até Auviigny, em 1840 foram unânimes em asseverar que êle encarnava tudo o que dignificava a espécie humana.

A Literatura Francesa

«SEM pròpriamente caracterizar um povo, o resumo da literatura de um agrupamento humano oferece, incontestavelmente, grande interesse, porque é, a rigor, o fragmento do grande quadro do desenvolvimento universal do espírito humano.

Longa infância precede a maturidade das literaturas; e depois de brilharem, caem no esquecimento, na languidez da idade anciã. É uma lei natural a que não tem conseguido fugir nenhuma criação humana, notadamente no terreno da arte e da literatura. Mas a êsse destino impossível de ser modificado, juntam-se acidentes particulares, resultados do temperamento de cada povo, suas vicissitudes, o clima sob o qual vive, a época em que se desenvolveu, sua localização geográfica. Daí a fisionomia particular, pessoal, que apresenta cada literatura.

É possível, todavia, que fortes emoções ou comoções no mundo moral façam partir simultaneamente do mesmo ponto várias literaturas que conservem, todavia, grande analogia em seu desenvolvimento e seus caracteres. É o que acontece com as literaturas do oeste e do meio-dia europeu. Francesa, inglêsa, espanhola, italiana, nasceram tôdas da mesma crise social; os mesmos elementos presidiram à sua formação.

De um lado, a barbárie plena de vigor, poderosa, estuante de vida; de outro, uma civilização decrépita, é certo, mas conservando, ainda, os traços de grandeza, os sinais de glória dos seus dias de apogeu. E acima de tôdas uma religião bastante grande e bastante expressiva para abrigá-las, indistintamente.

Dentre essas literaturas originárias do mesmo tronco, filhas da mesma célula e do mesmo motivo, a literatura francesa ocupa uma posição especial.

Não se trata de pretender que ela tenha supremacia sobre as demais, mas, simplesmente, salientar dois fatos: 1.º, que ela manteve durante um século, supremacia sobre as demais; 2.º, que até hoje conserva, em tôda a Europa, o direito de cidadania que adquiriu nos tempos de sua formação, e que o idioma do qual ela se fez é o único, dentre todos os idiomas derivados do Latim, o único que adquiriu caráter universal.

Principia a literatura francesa com os textos latinos. Isso pela simples razão de que, praticamente, na Europa dos séculos V, VI e VII

sòmente duas linguas existiam lado a lado: a dos vencedores e a dos vencidos. O idioma dos últimos, o Latim, era a única em que se poderia escrever, pela simples razão de que sòmente êles sabiam escrever...

Por isso surgiram na França cronistas e poetas latinos, como Gregório de Tours ou Fortunato. Essa literatura de transição apresenta beleza; embora conservando as velhas formas, mostra, já, idéias novas, anunciando a renovação que se vai proceder no mundo mental.

Não apenas no relato dos cronistas, mas também nos sentimentos que expõem ou defendem, sente-se que algo vai mudar. Mais, mesmo, que nos poetas, contrariamente à suposição de muitos e à afirmação de não menor número, sente-se a fase de transição. Povos vivendo sobre o mesmo solo não poderiam permanecer indefinidamente estáticos ou isolados, sem se confundirem, sem se misturarem. Opera-se uma fusão entre vencidos e vencedores, seus idiomas se interpenetram, se alteram e por fim se dissolvem. É, porém, uma espécie de morte fecunda embalsamando novos idiomas que surgem estuantes de vida e juventude.

O romano, na Gália, no décimo século, está separado em dois dialetos e a França apresenta, então, duas zonas literárias perfeitamente distintas: a do norte e a do meio-dia, cada qual apresentando, já, os seus poetas característicos.

O meio-dia, beneficiado por um céu esplêndido de luz, conservando tôdas as tradições da civilização latina, sem se deixar penetrar, jamais, pelas concepções bárbaras de seus vizinhos, vê surgirem em suas terras principados felizes, tranqüilos e opulentos, côrtes brilhantes onde o prazer e o amor são as ocupações dominantes. Surgem aí, então, os cantores, os trovadores que o povo escuta com alegria, os príncipes recompensam e encorajam, as damas de alta-linhagem acariciam. A língua que êles empregam, quase atinge a perfeição, rica de palavras e feliz de imagens, doce, harmoniosa, prestando-se dôcilmente a todos os malabarismos poéticos.

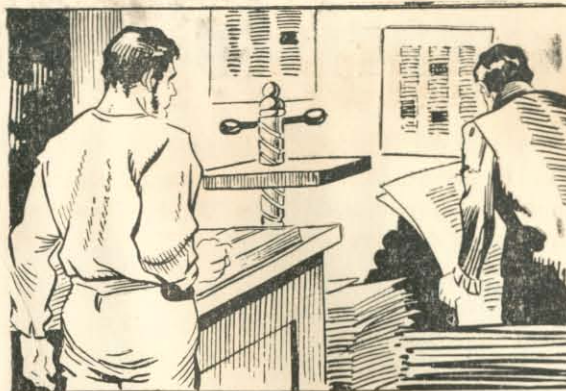
Vários sucessos ocorrerão na região; surgirão as heresias trazendo inquietação, castelos e côrtes de amor se transformarão em cenários de luta, de guerra e de sangue. Mas a literatura havia nascido, crescia, não se sentia disposta a deixar-se matar. Haveria de resistir e vencer tôdas as vicissitudes na doce região francesa do meio-dia".



BEM POUCO DIVULGADA É A OBRA DE HIPÓLITO DA COSTA, REDATOR DO «CORREIO BRASILIENSE», JORNAL QUE SE EDITAVA EM LONDRES E LUTAVA PELA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL



3 — Jornal da independência foi, realmente, esse «Correio Brasiliense», cuja coleção completa se compõe de 24 anos e cuja circulação no país foi, por diferentes vizes, proibida por Dom João VI, que não se cansou de chamar de «furiosos» a Hipólito da Costa, o propagandista da independência através da imprensa, e que nunca solicitou qualquer recompensa pelos serviços prestados, nem mesmo um daqueles títulos nobiliárquicos que, fundado o Império, o Senhor Pedro I principiou a distribuir com largueza e o Senhor Pedro II distribuiria com maior fartura, ainda...



1 — Nascido na colônia do Sacramento, a 13 de agosto de 1774 e finado num subúrbio de Londres, aos 40 anos de idade, doze meses depois da Independência, Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça, ou, simplesmente, Hipólito da Costa, foi o nosso primeiro jornalista, criador de um jornal que apresentou a particularidade curiosa de ser editado em Londres. A independência brasileira era o grande objetivo do jornal, embora estivesse o «Correio Brasiliense» dividido em diferentes seções, conforme o modelo da imprensa da época.



2 — Com efeito, o «Correio Brasiliense», aparecido em junho de 1808 e desaparecido em dezembro de 1822, porque, como dizia o editorial desse número, «os acontecimentos últimos do Brasil haviam tornado desnecessário ao redator o encarregar-se da tarefa de recolher novidades estrangeiras para aquele país, quando a liberdade de imprensa nêle e as gazetas que se publicam nas suas principais cidades, escusam esse trabalho», foi uma das grandes forças espirituais a serviço da causa de nossa emancipação política, havendo prestado excelente serviço na elaboração intelectual do movimento.



4 — Havendo estudado em Coimbra, onde se bacharelou, partiu Hipólito da Costa para os Estados Unidos, em 1798, comissionado por D. Rodrigo de Sousa Coutinho para estudar os processos do cultivo do algodão. Em 1801 era nomeado diretor-literário da Imprensa Régia, de Lisboa, e fazia-se de viagem para a Inglaterra, em função do cargo. Ao regressar a Lisboa, porém, a Inquisição acusou-o de Maçon, trancando-o num de seus terríveis cárceres, submetendo-o a diferentes provas. Não se sabe bem como Hipólito da Costa conseguiu evadir-se, embarcando para a Inglaterra.



5 — Refugiado em Londres escreveu longa reportagem a respeito de seu cativo. Páginas extraordinariamente curiosas são encontradas nesse trabalho de fôlego, que vale como um anátema, aparecido em 1811, três anos depois da fundação do «Correio Brasiliense», portanto, Hipólito da Costa, personagem histórico ainda não suficientemente estudado, a despeito dos trabalhos de Fleuiss, Homem de Melo e outros, desempenhou papel relevante na campanha de nossa Independência, o que deveria constituir motivo suficiente para que sua personalidade fôsse melhor conhecida pelos brasileiros.

O Grande Evaristo e seu Jornal

«**E**M dezembro de 1827 surgia no Rio de Janeiro um jornal redigido por um moço brasileiro que haveria de sagrar-se, com José Bonifácio, artífice da Independência. Porque a verdade é que a emancipação política do Brasil foi obra do grande Andrada e desse jovem inflamado que foi dos mais primorosos escritores. Esse moço, filho de modesto mestre-escola português levantou o povo, animou o povo, incentivou o povo para o grande movimento de opinião cujo resultado seria o Sete de Setembro de mil oitocentas e vinte e dois. E a atuação do jornal que fundou foi das mais fecundas, notadamente no momento da grande crise terminada com a Abdicação, quando, praticamente, essa fôlha modesta sustentou um trono, impedindo, quem sabe, a fragmentação do país, mas exigindo a sua nacionalização e a partida de um soberano que não mais interpretava os anseios nacionais, não mais compreendia as gentes às quais, num esplêndido instante, se associara para a construção de um grande império nas terras livres da América.

Grande jornalista político, Evaristo da Veiga tem sido uma figura bem pouco estudada. Talvez devido a isso é seu nome freqüentemente esquecido, até mesmo por quem deveria ter maior interesse em lembrá-lo, exaltá-lo, engrandecê-lo, como merece. Quando se cogitou da escolha de um "príncipe do jornalismo brasileiro", não foi Evaristo o nome aclamado, como deveria ser, o que representa, em nossa opinião, uma grande injustiça ou uma grande ignorância.

John Armitage, na sua História do Brasil, igualmente pouco difundida entre nós, a despeito da boa reedição de 1943, traçou de Evaristo, que Felix Pacheco estudou em interessante trabalho, um perfil bastante aceitável, ao dizer estas palavras simples:

"Desgostado tanto do parafraseado servil dos periódicos ministeriais como do tom licencioso anárquico adotado pelos liberais, Evaristo começou a publicação da sua "Aurora" sem se ligar a partido algum. Em sistema, o seu jornal era tão indisputavelmente oposto à política seguida pelo Governo Imperial, como o poderia ser a do mais exaltado liberal; contudo, a precisão dos seus raciocínios, a harmonia da sua

linguagem e uma ironia pacífica mas frisante, em lugar das declamações vagas e turbulentas de até então, logo deram a conhecer o quanto o "Aurora" contrastava com os outros periódicos seus predecessores".

Praticamente, todos os Partidos sentiram-se ofendidos ou feridos com a atuação desse jornal que se mostrava indiferente às suas seduções. Mas a curiosidade pública, a princípio, o apoio decidido, em seguida, fizeram da circulação do jornal de Evaristo a mais extensa de que se tem notícia na época, o que equivale dizer que as idéias que o moço brasileiro defendia eram bem-aceitas pelo povo que lia, encontrando numerosos adeptos.

Brandindo a pena como um látigo contra os que estavam, então, levando o país a uma desesperada situação financeira, bastando dizer que a dívida do Governo ao Banco do Brasil se elevava, então, a dezenove mil contos e que os diretores do estabelecimento ignoravam a importância das emissões realizadas pelo mesmo — Evaristo conseguiu despertar a atenção para o problema bastante grave.

"Na paz, na economia e no trabalho é que reside a ventura dos Estados", escreveu Evaristo num de seus artigos mais sensatos, e, ao mesmo tempo, mais violentos.

Contou o jovem jornalista com a colaboração de alguns homens dos mais inteligentes do Império e em sua fôlha colaboraram, anônimamente, grandes brasileiros.

Não é possível, em jornalismo, notadamente em jornalismo político, obscurecer ou desconhecer o papel histórico de Evaristo da Veiga e a missão cumprida pela "Aurora Fluminense", que foi, realmente, uma esplêndida aurora de conquista e liberdade. Por isso, senhores, como jornalista, protesto contra a omissão do nome de Evaristo quando se cogita de escolher um "príncipe" do jornalismo brasileiro!"

SÉRGIO MACEDO
(Palestra no I. B. de Cultura).

MIRABEAU

O HÉRCULES DA REVOLUÇÃO

... «ESTAMOS AQUI PELA VONTADE DO POVO E NÃO SAIREMOS SENÃO PELA FÔRÇA DAS BAIONETAS», MANDA DIZER MIRABEAU AO REI, QUANDO ÊSTE PRETENDE DISSOLVER A ASSEMBLÉIA



3 — Teve erros na juventude, prisões por dívidas, aventuras diversas marcadas, tôdas, por inclemente perseguição paterna. Peregrinou por vários países até regressar à Pátria e ser eleito deputado ao Terceiro Estado (burguesia), apesar de nobre, o que mostra o prestígio de que desfrutava. Orador candente, dotado de imensa erudição e rara felicidade nas imagens, arrebatava quantos o ouviam. Foi êle um dos pioneiros do movimento reivindicador do Terceiro Estado, pretendendo votação por cabeça e não por classe social, o que resultou na separação do Terceiro Estado dos demais.



1 — Nenhum homem, exceto Napoleão, terá sido julgado com tanta parcialidade quanto Honoré Gabriel Victor Riqueti, Conde de Mirabeau, nascido em Bignon, perto de Nemours, na França, a 9 de março de 1749. Seus admiradores classificam-no como orador incomparável, homem de Estado notável. Para seus detratores não passou de um demagogo, tribuno sedicioso, tráfuga da causa do povo, que pretendeu vender a liberdade ao poder. A verdade, porém, é que Mirabeau foi o iniciador da Revolução Francesa, merecendo a designação de «Hércules da Revolução», que lhe deram, um dia.



4 — A 17 de junho de 1789, o Terceiro Estado (separado dos demais, como já se disse), declarava-se transformado em Assembléa Nacional, considerando que representava, de fato, a maioria da nação. Luis XVI tenta, num golpe de força, dissolver a Assembléa. E é Mirabeau quem enfrenta o Marquês de Dreux-Brezé, poderoso enviado real, com aquelas palavras admiráveis que valem por todo um Tratado de Democracia, um código de fé no direito dos humildes e dos sofredores: «Ide e dizei ao vosso amo que estamos aqui pela vontade do povo e daqui não sairemos senão pela força das baionetas».



2 — Manda dizer a verdade, ainda, que Mirabeau foi extremamente versátil, a vida cheia de máculas. Ninguém excedeu, porém, na defesa dos direitos do povo, êsse homem vibrante, de palavra cortante, que teve uma infância deplorável. Desde criança tinha torto um dos pés. A variola, que contraiu aos três anos, deixou-lhe nas faces marcas indeléveis, bastante desagradáveis à vista. Sua cabeça era enorme. E seu pai, homem mediocre, mas pretensioso como tôda mediocridade, invejava-lhe a inteligência viva. Daí torturar mentalmente o filho, que procurou sempre humilhar.



5 — Partidário convicto da monarquia constitucional, embora devoto exaltado da liberdade, tanto que sua divisa, como êle próprio declarara, era «guerra aos privilegiados e aos privilégios». Mirabeau fêz desesperadas tentativas para salvar o trono que se esfacelava. O motivo dessa tentativa êle o diria, cinco dias antes de morrer, aos 42 anos de idade, em 2 de abril de 1791: «Levo no coração o luto da monarquia cujos destroços vão ser a prêsã das facções». Palavras proféticas como os acontecimentos mostraram de maneira tão expressiva, dolorosa e tragicamente humana.

O Terror

«LION estava submetida e os camponeses da Vendéia, com suas idéias realistas, bastante enfraquecidos, senão praticamente derrotados. Danton desejaria que se voltasse a um governo regular, quanto antes, aplicando-se a Constituição. Não estava só nesse modo de encarar a situação. Mas os homens que constituíam o famoso "Comité de Salvação Pública" não podiam tolerar pensamentos semelhantes. Era contra os inimigos internos que se havia instituído o Terror, argumentavam. E a máquina instalada não poderia deixar de funcionar. O exclusivismo passa a marcar acentuadamente a ação do que foi chamado "O Governo revolucionário", porque, a rigor, o que se exigia era que todos pensassem como o Comité. Maus cidadãos, inimigos da pátria, seriam, inapelavelmente, os que ousassem pensar de maneira diferente.

Sempre reclamando mais autoridade, mais poder para que pudesse agir e "salvar a França", o Comité não tarda a dominar a Convenção, passando, então, a deter os suspeitos que Fouquier-Tinville se encarrega de condenar implacavelmente.

Um "Agente Nacional", instalado em cada distrito do país, substitui as administrações departamentais. É o Terror nacional.

Robespierre é a grande figura do Comité, como é o Convencional dos Convencionais: o personagem central que tudo vê e tudo fiscaliza.

"Depurar" é a preocupação absorvente do homem que quer instaurar o "reinado da Virtude".

Paris é a grande cena em que se movimenta o curioso e, sem dúvida, extraordinário acontecimento que ameaça a estabilidade do Comité de Salvação Pública, enfim.

E Robespierre vence, passando a enfeixar em suas magras mãos, extraordinária soma de poderes.

Figura enigmática a dêsse pequeno advogado, que alguns consideram como a encarnação do Terror, o gênio da maldade, a expressão viva da hipocrisia, enquanto outros apresentam como justo e sincero, interessado, apenas, no bem social.

Mas Robespierre não tardaria muito a experimentar a ação da própria máquina da qual fôra um dos principais artífices.

No domingo 9 de Thermidor do ano II, ou seja, a 27 de julho de 1794, a Convenção, presidida por Collot, realiza uma de suas mais violentas reuniões. Os inimigos de Robespierre — todo um grupo que se mostra farto de sangue e de perseguições — estão decididos a perdê-lo. Billaud ataca-o violentamente. Ele tenta falar; negam-lhe a palavra. Robespierre é detido. Não se aquebranta, porém. O Tribunal Revolucionário o absolverá, sem dúvida — pensa. Mas vem o inesperado. A Comuna arranca-o da prisão, enquanto prepara um golpe contra a Convenção, que resolve colocar "fora da lei" não só Robespierre como outros acusados, entre os quais estão Saint-Just e Le Bas.

As forças da Comuna são dispersadas. As tropas da Convenção, conseguem penetrar no "Hotel de Ville". Robespierre compreende que está perdido e tenta o suicídio.

Inútilmente. No dia seguinte compareceria diante daquele aparelho que a piedade do doutor Guillotin havia inventado: aquêlê aparelho tão seu conhecido, no qual vira padecer tanta gente.

A lâmina fria e insensível decepou-lhe a cabeça, em meio a geral alívio. Estava terminado o Terror, findava a predominância da "Montanha" que estarrecera o mundo com a sua impiedade, os seus excessos e arbitrariedades.

* * *

Vista serenamente, examinada sem paixão, à distância, é possível dizer-se que a "Convenção Montagnarde" poderia ter evitado muitos morticínios, poderia ter praticado menos abusos, menos violência, menos arbitrariedades. Examinadas, porém, a situação interna e externa da França, na época, não há como deixar de reconhecer que ela, afinal, impediu, a despeito de tudo, a morte da nação".

SÉRGIO MACEDO
"O Terror".

SUMÁRIO DO NÚMERO 3

O ÚLTIMO BAILE DO IMPÉRIO	65
A última noite do Império — Tobias Monteiro	66
ATILA, O FLAGELO DE DEUS	67
O hunos	68
A MISSA DOS ENFORCADOS	69
«Vila-Verde» — Melo Barreto Filho e Hermeto Lima	70
UM PROCESSO DE RICHELIEU	71
Richelieu — Anquetil	72
A LUTA DOS FRADES	73
Os primeiros conventos cariocas — Sérgio Macedo	74
NEFERTITI, A RAINHA DO NILO	75
A religião dos antigos egípcios — R. Haddock Lobo	76
A SABINADA	77
O Dr. Sabino	78
POPÉIA	79
A época de Popéia	80
A FACULDADE DE S. PAULO	81
Os moços da Faculdade	82
PUBLIUS VIRGILIUS	83
O tribuno da plebe — Sérgio Macedo	84
A MORTE DE SALDANHA	85
Luta contra Floriano — Mário da Veiga Cabral	86
AS BACANAIS	87
Roma depois da morte de César — Montesquieu	88
PERNAS DIPLOMÁTICAS	89
A diplomacia do Império — Sérgio Macedo	90
GIOTTO, ALMA E POESIA NA PINTURA	91
A pintura italiana pre-renascentista — J. S. Rasols	92
A REVOLUÇÃO DAS LARANJAS	93
A Sabina das Laranjas — Viriato Correia	94
RASPUTIN	95
A morte de Nicolau II — Sérgio Macedo	96

SELEÇÕES DA HISTÓRIA DO BRASIL E DO MUNDO
Desenhos de RENATO SILVA - Legendas de SÉRGIO MACEDO
NAS PRINCIPAIS LIVRARIAS DO BRASIL — CR\$ 10,00

CONQUISTA

AV. 28 DE SETEMBRO, 174 — RIO DE JANEIRO — BRASIL

SOMANLU — O VIAJANTE DA ESTRÉLA

NOVELA JUVENIL DE ABGUAR BASTOS

Páginas admiráveis de um dos mais vigorosos escritores brasileiros. Reune, numa só história, lendas, superstições, crenças e cultos de uma fabulosa região brasileira — a Amazônia — onde se encontram os mais estranhos episódios narrados nas malocas, nos rios e nas cidades que se plantaram à entrada de nossas grandes florestas. Contém 50 ilustrações de página inteira, intercaladas no texto, impressas a cores. Presente inesquecível para um ou uma jovem inteligente. Edições de Cr\$ 70,00 (papel de 2º), Cr\$ 100,00 (papel de 1º) e Cr\$ 150,00 (papel de 1º, encadernado).

OBRAS DE MALBA TAHAN (ILUSTRADAS)

A SOMBRA DO ARCO-IRIS (romance), 7ª edição, 3 vol. Cada um	50,00
O HOMEM QUE CALCULAVA (romance), 15ª edição	60,00
SELEÇÕES (os melhores contos), 4ª edição	40,00
LENDAS DO CÉU E DA TERRA, 11ª edição	40,00
LENDAS DO DESERTO, 8ª edição	40,00
LENDAS DO POVO DE DEUS, 6ª edição	40,00
MIL HISTÓRIAS SEM FIM — 1º vol. — 8ª edição	40,00
MIL HISTÓRIAS SEM FIM — 2º vol. — 4ª edição	40,00
MINHA VIDA QUERIDA, 9ª edição	40,00
MAKTUB (estava escrito) — 6ª edição	40,00
AVENTURAS DO REI BARIBÉ — 3ª edição	40,00
CÉU DE ALLAH — 9ª edição	40,00
SOB O OLHAR DE DEUS (romance), 2ª edição	40,00
PACA TATU (contos infantis), 5ª edição	20,00

PONTOS PARA CONCURSOS PARTICULARES E OFICIAIS

A. Tenório d'Albuquerque	
CORREÇÃO DE FRASES — 15ª edição	30,00
CORREÇÃO DE CARTAS — 2ª edição	30,00
REDAÇÃO OFICIAL — 6ª edição	40,00
LIÇÕES PRÁTICAS DE PORTUGUÊS — 2ª edição	50,00
EXERCÍCIOS DE PORTUGUÊS — 4ª edição	30,00
PARA BEM-ESCREVER — 5ª edição	40,00
ANÁLISE SINTÁTICA E LÉXICA — 5ª edição	30,00
TESTES (nível mental e conhecimentos gerais) — 2ª edição	40,00
GEOGRAFIA DO BRASIL — 7ª edição	40,00
ESTATÍSTICA (Noções) — 5ª edição	40,00
MATEMÁTICA PARA CONCURSOS — 5ª edição	50,00
QUESTIONÁRIO DE PORTUGUÊS (provas dadas em concursos com as soluções)	40,00

Dra. Ivete Camargos

DIREITO CONSTITUCIONAL	30,00
DIREITO CIVIL — 4ª edição	30,00
DIREITO ADMINISTRATIVO — 3ª edição	40,00
DIREITO PENAL — 2ª edição	30,00

NAS LIVRARIAS OU PELO REEMBOLSO POSTAL

CONQUISTA — AV. 28 DE SETEMBRO, 174 — RIO DE JANEIRO

EM TODO O BRASIL
PREÇO CR\$ 10,00

